

# Cartas de uma outra **Vida**



Somos associados da **Fundação Abrinq**  
pelos direitos da criança.  
Nossos fornecedores uniram-se a nós e não  
utilizam mão de obra infantil ou trabalho  
irregular de adolescentes.

## **Cartas de uma outra vida**

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda., 2014

Direção editorial:

**Flávio Machado**

Coordenadora editorial:

**Erika Alonso**

Capa:

**Júlia Machado**

Imagem da capa:

**Bruce Rolff | Shutterstock**

Projeto gráfico e editoração: **Ricardo Brito | Estúdio Design do Livro**  
Produtor gráfico:

**Vitor Alcalde L. Machado**

Preparação:

**Maiara Gouveia**

Revisão:

**Luiz Chamadoira**

Conversão digital:

**MobileTag**

Ficha catalográfica elaborada por

Lucilene Bernardes Longo – CRB-8/2082

Sanches, William.

Cartas de uma outra vida / William Sanches. - São Paulo

: Petit, 2014

192 p.

**ISBN 978-85-7253-265-5**

1. Espiritismo 2. Cartas mediúnicas 3. Experiências pós-morte 4. Desencarnação 5. Luto I. Título.

CDD: 133.9

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Traduções somente com autorização por escrito da Editora.

Prezado(a) leitor(a),

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e, conseqüentemente, contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

William Sanches

Cartas de uma  
outra **Vida**



Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha

CEP 03646-000 – São Paulo – SP

Fone: (0xx11) 2684-6000

[www.petit.com.br](http://www.petit.com.br) | [petit@petit.com.br](mailto:petit@petit.com.br)

A os meus ouvintes da Rede Boa Nova de Rádio, que, diariamente, me fazem companhia.

Nossa união de amor e carinho nos aproxima, cada vez mais, do Mestre Jesus, em direção ao bem, à luz e ao otimismo persistente.

## **S U M Á R I O**

### [I N T R O D U Ç Ã O](#)

#### C A R T A 1

### [O B O M S E N S O D E V E N C E R](#)

Ensinaamentos: consciência, atributo do espírito, vencer, dificuldade na vida amorosa, mau planejamento de vida, aproveitamento de cada etapa.

#### C A R T A 2

### [S E M C O N T R A T O P A R A V I V E R](#)

Ensinaamentos: consciência do viver bem valorizando o simples, alma gêmea, morte repentina, saudade.

#### C A R T A 3

### [C I Ú M E D E V O C Ê](#)

Ensinaamentos: relacionamento afetivo doentio, respeito, vida conjugal, egoísmo, insegurança.

#### C A R T A 4

### [E O V E N T O N Ã O L E V O U](#)

Ensinaamentos:

tradições,

ilusões,

fantasias,

amores

não

correspondidos, sonhos interrompidos, a necessidade de continuar.

C A R T A 5

### A LUZ VEM DE DENTRO

Ensinamentos: família, vício, equilíbrio entre mente, corpo e alma.

C A R T A 6

### F UI EM TEMPO DE SABER QUE ERA PARA IR

Ensinamentos: relacionamento, aprendizado a dois, partida, desprendimento, saudade, abrir-se para o novo.

C A R T A 7

### V OVÓ, O AMOR EM PALAVRAS

Ensinamentos: vida melhor, valorização do idoso, simplicidade, principio da felicidade verdadeira.

C A R T A 8

### M ATAR OU MORRER: A VIDA É MAIS DO QUE TRABALHO

Ensinamentos: trabalho em excesso, valor ao simples, relacionamento pai e filho.

C A R T A 9

### O MILAGRE DO CANAVIAL

Ensinaamentos: vida em família, simplicidade, conflito X orientação infanto-junvenil, o sentido dos milagres, felicidade.

C A R T A 1 0

### O DIA EM QUE EU SAÍ DE CASA

Ensinaamentos: relacionamento familiar, liberdade, desapego, mágoa, perdão.

C A R T A 1 1

### V OLTO A SORRIR SEMPRE

Ensinaamentos: suicídio, vício, plano espiritual, arrependimentos, importância do ouvir, relacionamento familiar, novas chances para recomeçar.

C A R T A 1 2

### V OAR, VOAR, SUBIR, SUBIR

Ensinaamentos: importância de cultivar bons hábitos, fazer sempre o melhor, capacidade de vencer, trajetória evolutiva, fé.

C A R T A 1 3

### N OSSO DESTINO É A ETERNIDADE

Ensinaamentos: medo da morte, vícios, materialismo, amizades, falsidade, vida após a morte, arrependimento.

C A R T A 1 4

### O QUE MAIS VALE É O VALOR QUE DAMOS

Ensinaamentos: criança, morte prematura, saudade, adoção, mágoa, amor, paciência, missão.

C A R T A 1 5

## E U SENTI TUDO MUDAR

Ensinaamentos: dor, fé, postura, busca, cura, renovação, vida nova, transformação.

O QUE VOCÊ MUDARIA EM SUA VIDA?

## R EFERÊNCIAS DAS CITAÇÕES

### **I NTRODUÇÃO**

Em hebraico, a alma chama-se Nephesh , que significa ego, vida, pessoa, coração. O termo refere-se à essência da vida, ao ato de respirar, tomar fôlego. Os gregos chamavam a alma de psyche , que é: a vida natural do corpo; a vida; a parte imaterial, invisível, do homem. Em latim, alma é animu , que significa “o que anima”, ou seja, o homem interior.

Alma e espírito são a mesma coisa. Só utilizamos o termo “espírito”

quando este está desencarnado, fora do corpo, e “alma”, quando o espírito está encarnado. Portanto, espírito não é outra coisa senão alma sobrevivente fora do corpo.

Gosto muito deste trecho da Gênese, um trecho simbólico, porém muito interessante, em razão do sentido da frase, tão conhecida pelas pessoas, que diz assim:

“Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se alma vivente” [1](#) .

Alma vivente!

Sabe aqueles momentos mais difíceis, em que estamos sem saída e respiramos bem fundo, enchamos os pulmões de ar como quem toma coragem para enfrentar uma grande luta?

O que seria isso senão o ser humano enchendo os pulmões de vida, de força, de essência, de Deus?

Fazemos a mesma coisa quando estamos muito cansados ou tristes,

respiramos com profundidade. Repare como melhoramos e, em alguns casos, clareamos nossa consciência. Isso nos ajuda a tomar atitudes, a escolher novos caminhos, a mudar o ponto de vista, se for preciso.

Para muitos, a morte é um ir sem volta... Nesse caso, onde estaria a alma que Deus colocou na Criação?

O corpo acaba, mas a alma continua. Simplesmente, porque ela é “alma vivente”!

Aqui eu chamo de “Deus em nós” o ser humano interior, sem rótulo de homem ou mulher, criança ou idoso, mas o Ser em Mim.

Sou responsável pelo meu sopro divino, pelo Deus em mim e pelas escolhas que faço a meu favor. Eu tenho a minha vida, e a vida do outro é do outro.

Não quero convencer ninguém a aceitar determinada doutrina ou religião. Esta obra se preocupa em fazer você viver melhor. Viver quantas existências precisar viver, ou, se preferir, vivenciar cada uma delas com excelência, porque Deus é beleza, Deus é vida, Deus é eternidade.

Jesus disse que “não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não existe nada de oculto que não venha a ser conhecido” [2](#) .

Cartas de uma outra vida não tem nada de oculto. Ao contrário, são lições para o dia a dia. É uma obra para quem entende a vida como o bem mais precioso que Deus poderia nos dar. E espírito é isto: consciência, inteligência, sensibilidade, caráter, entendimento.

Existe uma frase muito conhecida: “Nascer, crescer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”. Até hoje não se sabe quem foi o primeiro a pronunciá-la, se foi Allan Kardec ou Goethe, mas isso não importa, o mais importante é o seu significado.

Que essa lei e todas as suas etapas sejam pautadas no amor, isso sim é importante. Porque o amor, estando em nós, é a chave perfeita para encontrarmos Jesus.

Amor é a lei do equilíbrio, é a força, é imutável, assim como tudo o que vem de Deus, pois Deus é Amor!

Em cada carta narrada, respire fundo, encha seus pulmões de essência e perceba o Deus que habita em você.

Quando uma história surge na vida de um autor, ela toma vida própria, e cada uma dessas personagens pode conversar com você, assim como conversaram comigo. Cada enredo é mais do que uma Carta, é uma história de vida. Essas histórias são escola para quem busca aprender.

Elas possuem força para mudar muitas rotas.

1 . Gn 2: 7,22.

2 . Mt 10, 26; Lc 12,2

Basta acreditar.

Encha-se com consciência, para entender o que a vida irá lhe ensinar nesse momento.

WILLIAM SANCHES

**C A R T A 1**

**O BOM SENSO DE VENCER**

“Não existe mal em possuir o dinheiro.

O mal decorre da invigilância, quando permitimos que o dinheiro nos possua.”

ANDRÉ LUIZ, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

QUANDO PEQUENA, eu sempre senti que venceria na vida. Sempre senti isso dentro de mim. Não sei explicar. Mais do que um desejo, era uma certeza. Algo muito forte.

Eu nunca aceitei muito bem a vida que tínhamos. Morávamos eu, papai e mamãe no fundo de um quintal enorme com mais um monte de casas.

Nossa casa era a do fundo. Bem simples, mas lá dentro existia muito amor.

Lembro-me bem disso.

Quando dava o horário de saída da escola e todas as crianças voltavam para casa, era um barulhão naquele quintal.

Minha mãe saía na porta e falava:

– Grita baixo!

A gente ria e falava:

– Como vamos gritar baixo? Gritar é gritar.

E caíamos na gargalhada.

Eu amava brincar com meus primos. Na casa ao lado também tinha criança, e a certeza de todas as tardes era juntar todo mundo no quintal para brincar.

Para quem queria silêncio ali não era o lugar indicado.

O quintal era de terra, e ali a gente fazia buraco de todo tipo. Quando vinham visitas em casa, sempre perguntavam para minha mãe se lá tinha tatu.

Nós ríamos ouvindo isso.

O período de que eu mais gostava era o final da tarde. Eram os momentos mais felizes. Logo meu pai me chamava dizendo que precisávamos arrumar as coisas e descansar, porque tínhamos que ir bem cedinho para a feira.

Meu pai era feirante e minha mãe e eu trabalhávamos ajudando ele nas vendas.

Logo de manhãzinha, antes das cinco da manhã, acordávamos.

Íamos sempre eu, minha mãe e meu pai.

Na feira, ele parava a Brasília, um carro muito velho que ele tinha e, naquele frio, as mãos molhadas do sereno. Nossa! Posso sentir daqui aquele frio horrível! Íamos montando a banca para mais um dia de feira.

Assim era a vida, e a gente precisava trabalhar. Montar a barraca logo às cinco da manhã e esperar pelos fregueses que iam chegando pouco a pouco, nada disso era novidade para mim.

O cheirinho que vinha da banca de pastel era o que eu mais gostava. Lá pelas oito da manhã a feira estava completa, todos os feirantes já haviam montado suas barracas e arrumado seus produtos. Tinha barraca de tudo, como toda feira tem.

O momento mais esperado era quando papai falava:

– Edna, pode buscar um pastel para você.

Eu saía correndo, nem olhava para o lado.

Só quando passava pela banca de frutas que eu diminuía o passo. Eu ia rápido, mas, quando ia chegando perto da banca de frutas, eu ia bem devagarzinho.

O Felipe era o menino mais lindo da feira. Ele trabalhava na banca de frutas, bem na frente da nossa. Eu gostava dele. Mas ele nem ligava pra mim.

Afinal, quem iria querer namorar uma menina com as roupas sujas, filha de feirante?

Percebi que ele ficava todo feliz quando vinha a filha da professora Vera Lúcia. Até dava a volta na frente da barraca, para ajudá-la com as sacolas.

Aí, eu fechava os olhos, de tanto ciúme.

Coisinha de namorinho bobo, coisa de criança. Eu pensava: “ele nunca vai olhar pra mim...”.

Quarenta e oito anos se passaram...

Agora, aqui no mundo espiritual, caminhando por um espaço bem grande que temos, onde eu adoro ficar, porque ele é todo gramado, fico lembrando essas cenas de quando eu era pequena e, principalmente, o meu desejo de vencer, quando estava encarnada na Terra.

Acho que Deus dá força a cada um de nós para que possamos vencer. Eu estudei, fiz diversas faculdades, me especializei na minha profissão. A vida de feirante ficou bem para trás, apenas na minha memória e na memória de meus pais, porque, depois de formada, a primeira coisa que fiz foi tirar os dois daquela vida sofrida.

Venci e consegui adquirir muitos bens materiais. Tive uma vida confortável, viajei por muitos países. Usei todo o meu talento, meu esforço e, mais do que acreditar que venceria, busquei vencer.

Mas nunca vivi um grande amor. Só trabalhava, e nunca tinha tempo para mim.

Em todo o tempo que vivi na Terra, deixei muita história, tantos colegas de trabalho, tantas fotos. Mas a minha vida pessoal ficou em projetos. Eu sempre a deixava para depois.

Desde pequena, eu sabia que venceria, que jamais ficaria ali, trabalhando na feira. Só me esqueci de cuidar do meu lado afetivo.

Sinto muito, papai, se a minha vida não foi aquela que esperava para mim, aquela que tanto sonhou: viver em família e lhe dar netos. Seus sonhos se foram com a minha partida. Mas peço a vocês: não se entristeçam porque parti, por mais difícil que seja. Eu priorizei algumas coisas. Não soube usar o

bom senso e partilhar a vida.

Eu apenas quero que saibam que estou bem. Estou me recuperando aos poucos, pois não foi fácil adaptar-me a viver sem vocês comigo.

Aqui tenho amigos, oferecem sempre uma palavra e um abraço, quando a saudade aperta. Eles têm sempre algo de bom para me ofertar.

Sabe, pai, antes de minha partida, ninguém em casa cuidava do lado espiritual. Lembra? Hoje, vocês mudaram, valorizam muito mais outras coisas. Sei que muitas vezes se perguntaram por que isso aconteceu conosco.

Vejo, hoje, que era preciso que nossa família pudesse ganhar, ainda nesta vida, outro olhar para a realidade espiritual, antes tão esquecida por todos.

Deus era lembrado em vão. Hoje, apelamos para Ele, que sempre nos revela os caminhos não compreendidos.

Mamãe, viva o mais que puder, sem perder-se pela dor.

Outro dia, aconteceu algo muito especial. Eu estava aqui, neste gramado em que gosto de caminhar e refletir. Vi um rapaz. Na verdade, um homem lindo.

Ele veio caminhando de longe, parou bem na minha frente, olhou para mim e me disse:

– Lembra-se de mim?

Eu gaguejei e, um pouco assustada, respondi que não, afinal, eu estava neste plano há pouco tempo, e não conhecia ninguém. Nenhum parente ou amigo havia me recebido por aqui.

Ele me disse:

– Sou o Felipe. Sei que você sempre gostou de mim. Foi uma pena não termos nos aproximado durante o tempo em que vivemos na Terra. Um dia, quem sabe, vamos regressar. Regressar é juntar dois lados: a dor da partida com a alegria do recomeçar. E, quem sabe, viveremos um grande amor, um amor perfeito. Afinal, nossas almas estão sempre se reencontrando, em tantos cantos, em tantas vidas. Eu não sei por que, mas dentro de mim sempre senti algo bom por você.

E DNA

**P A R A P E N S A R**

J esus, em sua infinita sabedoria e sensibilidade, afirmou: “Tudo é possível àquele que crê. [3](#)”

Quanto mais eu estudo e pesquiso a vida das pessoas que venceram, que avançaram nos seus caminhos e nos seus sonhos, percebo o quanto elas possuem uma força extraordinária, uma postura de ganhador.

Essa é a força da consciência.

Essa força não se refere à força física. Não se trata da força dos músculos.

Consciência é uma qualidade psíquica, isto é, que pertence à esfera da

[psique](#) humana. Também é a percepção de um atributo do espírito, da [mente](#), ou do pensamento. Ser consciente não é exatamente a mesma coisa que perceber-se no mundo, mas ser no mundo. Para isso, a [intuição](#), a [dedução](#) e a [indução](#) participam desse processo de despertar.

Primeiro, porque existe em nós uma alma, uma alma que anima o corpo, uma força absurda que é eterna e se renova. Imagine, na eternidade, quantas vezes você (alma) precisou se renovar, se adaptar a um novo corpo a cada existência e seguir por novos caminhos.

O que se renova numa força absurda. Então, a primeira consciência do fluxo da vida é perceber essa força espetacular já existente em você. Ela não vem do outro, de uma situação. Ela já está com você.

Segundo, porque a maneira como nos posicionamos na vida é fundamental para que as coisas fluam.

Ter uma postura de vítima, dizer que nasceu em uma família pobre, sem condições, que a vida é dura, tudo isso não resolve nada. Ao contrário, faz com que você permaneça estagnado nessa condição.

Comparar-se com outro, que está um pouco mais à frente, é um perigo.

É fácil sentir-se enfraquecido e para baixo.

Não existe o certo ou o errado. Existe o caminho de cada um. A sua própria individualidade dentro da sua consciência vai desenvolver seu potencial. Ninguém é igual a você, e você não é igual a ninguém. Por isso, não se pode seguir receitas, nem comparar-se.

Todo ser é dotado de condições dentro do seu movimento natural.

Inteligente, cria possibilidades, se prepara e vence.

Cada etapa é um topo. Na vida, cada etapa vencida deve ser comemorada.

Você já venceu!

Cada pessoa busca sua felicidade, e a felicidade de cada pessoa não está dentro de esquemas. Então, por que sua caminhada deve seguir um esquema de comparações?

Sentir-se inferior porque o outro está vestido com uma roupa melhor ou ocupa um cargo de maior importância dentro da sociedade não te fará evoluir.

Cada pessoa possui seu dom, seu talento e sua importância.

Outro erro comum é o das pessoas que não cuidam para que a vida não seja feita só de conquistas financeiras e materiais. São pessoas que encaram a vida como uma luta, estão em busca apenas de conquistas e nunca enxergam a hora de parar. Nunca estão satisfeitas. Nunca enxergam a felicidade no que já têm. Quem luta é porque gosta de viver em guerra.

Você luta, guerreia, batalha?

Então está acostumado com guerra.

Comece a desfrutar as coisas que você já tem com mais tranquilidade.

Tenho certeza que você possui coisas extraordinárias e nem se deu conta ainda. Tente citar, dentro de você, pelo menos duas.

O problema com muitos de nós é que pensamos em ser felizes quando alcançarmos certo nível na vida; muitas vezes, níveis que outras pessoas alcançaram.

Nesse esquema, você vai acabar gastando toda a sua vida trabalhando em direção a algo novo, sem nunca parar para apreciar o que você já tem.

Quem tem o olhar de perdedor jamais enxerga vitória. O perdedor não é aquele que não tem, é aquele que não vê o que tem. Entra em casa e só percebe o que não tem. Olha para as pessoas e só vê defeito. Busca o material

e esquece o restante. Espera estar “feliz” quando conquistar o cargo que almejou; espera morar na casa que sonhou; andar no carro mais moderno, para só então viver. Mas a vida acontece enquanto se caminha na direção de algo. Por isso: toda etapa alcançada é o topo.

Vencer e conquistar é maravilhoso e um direito. Prosperar é um direito.

O bom senso de vencer, também. É preciso que a vida seja preenchida com outros valores, além dos paupáveis.

A vida precisa também de riquezas que não se podem pegar nas mãos: um amor, uma alegria espontânea, um olhar de felicidade, um abraço. Mais do que fotografias no papel ou na tela do computador, para mostrar aos outros, as fotografias que a alma carrega precisam estar reveladas dentro de você: uma paisagem que só você viu, um cheiro, uma sensação boa, um abraço apertado e sincero. A alma fotografa o tempo todo.

Melhor do que viver com bens é ser um bem.

Seja honesto com você sobre o que quer alcançar, acerca de quem você quer se tornar e, principalmente, a respeito de como está vivendo agora. Seja honesto em todos os aspectos da sua vida. Não boicote nenhum aspecto em nome de outro.

Seja honesto sobre o que está bem e o que precisa ser mudado.

Procure a verdade, no seu íntimo, para que você realmente saiba quem você é. Quando você fizer isso, terá uma melhor compreensão de onde está agora e como chegou até aqui. Ainda há tempo. Sempre há tempo de replanejar, e até de mudar a rota, se for preciso. Isso é ser honesto com você.

Tenha o bom senso de vencer, porque a vitória é um direito seu, e o que você faz com ele é de sua livre escolha.

Acenda dentro de você a luz do amor incondicional, para que realize isso com todo o seu potencial.

Seja feliz agora!

[3](#) . Marcos 9, 23

## C A R T A 2

### S E M C O N T R A T O P A R A V I V E R

“Ao pé de cada coração desventurado, Jesus nos espera, em silêncio.”

CHICO XAVIER

LEMBRO-ME BEM DAQUELA MANHÃ , quando ele se aproximou de mim e me disse:

– Sabe, Regina, eu te amo como nunca amei ninguém.

No começo, eu achei estranho, porque ele nunca havia falado nada assim. Parecia que aquele dia seria diferente. E foi...

Fiz minhas coisas como normalmente fazia. Fui logo cedo à feira. Gosto de ir bem cedo à feira, para pegar frutas e verduras mais frescas. Os feirantes já me conhecem e separam exatamente o que eu preciso. Depois, comprei dois pastéis: um para mim e outro para o Roberto. O meu de bauru e o dele de pizza. Como ele amava pastel de pizza! E eu não comia ali na feira, levava para casa.

Cheguei em casa esbaforida. Fazia muito calor, e eu quase não conseguia carregar as sacolas da feira.

Coloquei água para esquentar e liguei o rádio. Na estação, tocava uma linda música do Roberto Carlos. A minha predileta, aquela que fala assim:

“Onde você estiver, não se esqueça de mim...”.

Eu amo Roberto Carlos. Não foi à toa que casei com um homem chamado Roberto. Não é o Rei, mas é o meu rei.

Quando o café estava pronto, ele chegou à cozinha, cheiroso, me abraçou com carinho e, me apertando forte, disse:

– Sabe, Regina, eu te amo como nunca amei ninguém.

Em vez de ficar feliz, eu senti um arrepio, um calafrio estranho subindo por trás do pescoço e um aperto no peito. Sorri um pouco, para não deixar o Roberto chateado, mas sabe aquele sorriso amarelo? Aquele sorriso sem graça?

Ele não percebeu nada, mas eu fiquei muito angustiada.

Terminei de passar o café e sentamos para comer os pastéis. Roberto já estava pronto para o trabalho. Ele trabalhava como taxista e ia cedo para o ponto de táxi.

Enquanto ele comia, eu o olhava, meus olhos o fitavam profundamente.

Não sei o que deu em mim, porque eu sempre comia rápido e levantava para lavar a louça, sempre preocupada, sempre correndo, sempre, sempre agitada, mas naquele dia eu não tinha pressa.

Nessa manhã eu estava estranha, estava diferente. Não sei por que, mas meu coração sabia que algo aconteceria.

Roberto terminou de comer, com a elegância, a educação de sempre.

Beijou-me e saiu.

Ao fechar a porta, tive a sensação de que aquela seria a última vez que eu veria o meu Roberto.

O fim de tarde se fez presente, e eu o esperava ansiosa para jantarmos juntos. Preparei tudo fresquinho, tudo o que havia comprado na feira.

Terminei o jantar, assisti à novela e esperei... Andava de um lado para o outro, e a cada dois segundos eu colocava a cabeça na varanda para ver se avistava o táxi de Roberto.

“E o celular?”

Será que devo ligar?

Nenhuma mensagem chega?

Talvez Roberto tenha pegado uma corrida para mais longe, para o aeroporto, sabe lá.”

Eu não queria atrapalhar seu trabalho, só sei que, a cada minuto que passava, meu coração batia mais e mais apertado.

A noite caiu de vez, e caiu em mim um desespero absurdo. O celular de Roberto só dava caixa postal. Liguei no ponto de táxi, e um dos colegas dele disse:

– Dona Regina, ele saiu daqui mais ou menos ao meio-dia e não voltou mais.

Meu Deus! Onde estaria Roberto? Meu coração sabia que algo não estava bem, que algo havia acontecido, mas o quê? O quê?

O telefone toca. Uma ligação. Um silêncio eterno. Aqueles segundos ao telefone pareciam intermináveis!

Do outro lado, uma voz fria perguntava:

– É a senhora Regina Robes, esposa do Sr. Roberto Robes?

– Sim...

– A senhora precisa vir ao hospital. A senhora está acompanhada ou está sozinha em casa?

Desabei. Não escutei mais nada.

Deus, sabedor de todas as coisas, enviou a minha casa, nesta hora, minha vizinha Madalena, que, ao abrir a porta, me viu caída no chão, aos prantos, e, preocupada, veio rápido me socorrer.

Eu sabia, eu sabia que não veria mais meu Roberto. A moça do hospital nem precisava falar o que meu coração já sabia.

“Roberto, o seu amor foi o que de mais lindo eu tive nessa vida. Você se foi, e eu fiquei.”

Fiquei em silêncio e só pensava. Minha voz não saía mais, e eu só conseguia pensar: “quem tirou sua vida irá responder por isso não só pela lei da Terra, mas pela lei divina. Tirar a vida de um homem bom é afrontar a Deus, é cometer o maior pecado da existência...”

Vivi meus últimos anos na Terra com essa lembrança.

Um dia de susto, uma tragédia.

Não carreguei amargura. Consegui substituir a dor pela lembrança boa

do meu amor por Roberto. A saudade não passou de um amor lindo que ficou em mim. Quando chegou minha hora de partir, me desliguei da Terra com a leveza de quem soube viver corretamente.

Agora, estou em uma colônia espiritual muito linda. Tem dias que me lembro daquela hora de susto, não vou mentir, mas logo ela se apaga frente às lembranças maravilhosas que tenho em mim...

Roberto, sei que não deve ter sofrido, você foi um homem bom, e homem bom Deus tira do mundo antes de sofrer.

Eu também te amo como nunca amei ninguém. Ninguém... Nosso amor é só nosso, nosso amor é eterno. É só meu e seu.

Tenho procurado me preparar cada vez mais. Sinto que um dia vamos nos reencontrar, Roberto.

Onde você estiver, não se esqueça de mim...

R EGINA

## **P ARA PENSAR**

Sêneca tem uma frase que diz assim: “Nisto erramos: em ver a morte à nossa frente como um acontecimento futuro, enquanto grande parte dela já ficou para trás. Cada hora do nosso passado pertence à morte”.

Vida, por mais simples que seja, é aquela em que as almas não têm um contrato entre si, mas uma missão espiritual, independentemente da relação estabelecida entre elas, seja como almas irmãs ou com qualquer outro nome ou rótulo. O mais bonito das relações humanas está no respeito e no amor. No dia a dia das coisas simples, que tornam a existência em um significado espetacular. Ou seja, diante dos olhos daqueles que conseguem enxergar a singeleza, a vida torna-se um espetáculo.

A história, escrita através de nossos atos, nunca possui uma receita pronta, uma obrigação do universo em cumprir um destino.

É preciso criar a consciência do viver bem, e o viver bem não significa ter muito, significa ser muito. Curtir o que se vive, desde um pastel simples, na feira, até uma música bonita que toca no rádio.

Será que a rapidez do seu dia está te impedindo de ver o que já tem de bom na vida? Costumamos olhar só para nossos problemas, nossas dificuldades, e dificilmente encontramos os presentes recebidos, presentes enviados por Deus.

Existem muitos presentes enviados por Deus para você. Alguns ainda nem foram desembrulhados, outros ainda nem foram encontrados.

Philip Dormer Stanhope, político e escritor inglês, dizia que “Um espírito mesquinho é como um microscópio: aumenta as pequenas coisas, mas impede de ver as grandes”.

Seus olhos podem ter sido mal educados para enxergar a vida e os recursos que o Universo lhe oferece. Quem tem olhos de microscópio vê a vida como perdedor, sempre pequena. Amiúda-se o tempo todo, olha para

baixo. Sente-se pequeno.

E sentir-se pequeno, apesar de carregar dentro de si um Deus grande, é morrer lentamente.

Adoro os dizeres de Martha Medeiros, quando ela escreve:

“Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo. Morre lentamente quem destrói o seu amor-próprio, quem não se deixa ajudar. Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito, repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca, não se arrisca a vestir uma nova cor, ou não conversa com quem não conhece”.

Não fique chocado com quem viveu intensamente, saiu de casa e não voltou.

Choque-se mais com quem chega e não viveu, com quem tem e não vibra, com quem só reclama. Choque-se mais com aqueles que só enxergam defeitos nas pessoas, que usam da fofoca, do ciúme, do melindre como pilares para viver. Choque-se mais com quem olha a vida num microscópio.

Porque esse, com certeza, está morrendo lentamente.

## **C A R T A 3**

### **C I Ú M E D E V O C Ê**

“A Terra é precioso domicílio a Lei do Senhor, onde cada criatura edifica o plano em que passa a viver. Repara onde resides. Cada espírito respira na

faixa de claridade ou sombra, de dor ou alegria a que se acolhe através da atitude que assume perante a vida.”

EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

MEU QUERIDO, jamais eu faria algo para te magoar. Eu nunca imaginei que houvesse no mundo um amor desse jeito. Nunca. Jamais mesmo.

Por isso lhe escrevo esta carta.

Sabe que sempre fui extremamente dedicada a você e ao nosso amor, e é por isso que, às vezes, não conseguia perceber ou entender algumas das suas

atitudes e, muito menos, aquelas acusações injustas que sempre costumava fazer.

Você era muito ciumento. Lembra aquela festa do Virgílio em que você chegou a empurrar o Elias na piscina só porque ele elogiou meu vestido?

Nossa! Aquele dia foi o fim.

Eu e o Elias tínhamos sido amigos e namoradinhos de escola, e você sabe como são essas coisas.

Tudo passou, foi coisa de adolescente... E ele está casado com uma de nossas amigas, a Keila. Ela jamais me perdoaria se eu tivesse alguma coisa com ele.

Nem pensar mesmo.

Na juventude ele era até um rapaz bonito, mas agora, nem pensar. Já está com uma barriga!

Você sempre foi mais lindo, meu amor. Não precisava daquele ciúme intenso.

Fui sempre sua. E meu amor sempre seu.

Simplesmente porque gosto muito de você, e não me passava pela cabeça a possibilidade de perdê-lo.

Te amo, e, portanto, não precisava desconfiar de mim nem impor uma cartilha de comportamentos, para dizer-me o que eu podia ou não podia fazer.

Sei respeitar todas as pessoas, principalmente aquelas que eu amo e são do meu convívio.

Nossos amigos são nossos amigos, e ponto final.

Você sempre me falava “Eli, troque de roupa, esse vestido está curto demais” ou “Eli se comporte, não ria tão alto”.

Até minhas risadas te incomodavam!

Deixasse que eu fosse feliz, se não queria me fazer feliz...

Na verdade, acima de tudo, eu sabia dar-me o devido respeito, e é por isso que sempre ficava magoada quando desconfiava de mim ou me impedia, injustificadamente, de ir a determinados lugares.

Querido, meu amor, não precisava temer pelas minhas atitudes.

Quanta insegurança!

Como eu sempre disse, jamais seria capaz de magoar-te. Porque te amo muito!

Eu sempre soube, embora te amasse tanto, que um dia as coisas não acabariam bem.

Eu sempre sonhava com você colocando algo na minha bebida. Não entendia o sonho, mas acordava angustiada.

Era sempre a mesma coisa. Dormia e já via você derramando algo num copo e trazendo para mim. E eu, inocente, bebia sorrindo.

Nunca entendi esses sonhos, mas hoje posso ver melhor e sentir tudo o que se passou.

Eu não sei explicar, mas algo dentro de mim avisava, porém eu, tonta e apaixonada, nunca acreditei muito na minha voz interior. Hoje vejo que, mesmo por amor, eu errei, e errei feio.

Hoje você está preso, e a maior prisão não é a cela em que se encontra, a maior prisão é a dor que sente na alma. Eu posso sentir daqui seu arrependimento.

Que bom que se arrepende.

Eu te perdoo, daqui consigo perceber melhor as coisas, e por isso te perdoo.

O ciúme doentio acabou com muitos lares e muitas histórias bonitas.

Aqui encontro muitas mulheres que viveram isso, algumas não perdoam, mas eu perdoo.

Mas aceite um conselho de quem sempre te amou: esqueça um pouco o ciúme.

Só Deus, somente Deus poderá tirar essa dor e essa angústia que hoje tanto te atormentam. Busque a Deus e deixe-me ir. Vou em paz, e sei que um dia retornarei para viver um grande, um lindo amor, sem dor, sem sofrimento, sem morte e, principalmente, sem ciúme.

E LI

## **P A R A P E N S A R**

S e nós seguissemos os ensinamentos de Jesus, muitas mazelas teriam sido eliminadas de nossas histórias; entre elas, o ciúme.

O ciúme é um sentimento doentio que já acabou com milhares de lares e acaba com muitas supostas histórias de amor. Mas será que o amor, um sentimento tão sublime e doce, pode matar, ferir, destruir?

Emanuel, em uma das psicografias realizadas por Chico Xavier, disse

“O ciúme, considerado nas suas expressões de escândalo e violência, é um indício de atraso moral ou de estacionamento no egoísmo. Só a compreensão da vida, colocando-nos na situação de quem errou ou de quem sofre, a fim de iluminarmos o raciocínio para a análise serena dos acontecimentos, poderá aniquilar o ciúme no coração [4](#)”.

Vida é energia, e estamos vibrando o tempo todo. Quando em um relacionamento entram energias como a desconfiança, a insegurança, o ciúme e tantas outras mazelas, é sinal de que a vibração não está sadia. Abre-se o campo vibratório para entrar energias que não serão de sucesso.

Todo relacionamento acontece não só para aprendermos a viver com os outros, mas para aprendermos a viver com nós mesmos. Cada relacionamento, não importa quanto tempo dure, serve para que possamos nos conhecer melhor. Quanto descobrimos sobre nós mesmos quando estamos em um relacionamento?

Cada pessoa que cruza nosso caminho nos ensina algo. Ensina durante um tempo ou por uma vida toda.

É comum pessoas dizerem “meus relacionamentos são todos iguais, nunca dão certo”. O que essas pessoas não percebem é que repetem a mesma receita sempre. Vão aos mesmos lugares, comem as mesmas coisas e, sem perceber, têm atitudes iguais àquelas que, num passado próximo, foram ensinamentos.

Não existe relacionamento que não tenha dado certo, eles duram o tempo que tinham de durar.

Relacionamentos como esse descrito na carta revelam os extremos de uma vida “amorosa”. Amorosa na cabeça de quem se relaciona assim, porque de amor não tem nada. Não passa de um jogo de pirraças, ciúme, egoísmo e inseguranças.

O relacionamento tem de fazer bem, ensinar, completar, impulsionar para frente os dois. Quando ele adoce, é preciso, em alguns casos, saber encerrá-lo. Encerrar ciclos. Não pular do barco, mas atracar no porto quando se percebe que pode afundar.

Só tome cuidado para não sair da embarcação antes do tempo. Veja se você fez tudo o que foi preciso. Reme, mude rotas, nade de braçadas, mas não se esqueça de amar a si próprio.

Vá e deixe ir.

Tenha a dignidade de seguir sua história. Isso também é amor. Coragem de encerrar e prosseguir também demonstra grandeza.

[4](#) . O Consolador . Emmanel.

## C A R T A 4

### E O VENTO NÃO LEVOU

“Cada espírito guarda seu próprio tesouro e abrirá suas portas sagradas à comunhão com o Eterno Pai.

O Criador oferece à semente o sol e a chuva, o clima e o campo, a defesa e o adubo, o cuidado dos lavradores e a bênção das estações, mas a semente terá que germinar por si mesma, elevando-se para a luz solar.”

#### EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

**EU ME CHAMO FÁTIMA.** Sempre fui muito bonita, e, desde que era pequena, todo mundo me falava que eu era muito linda. Na escola, todos os meninos me paqueravam e me diziam que queriam namorar comigo.

Desde cedo, brinquei muito com todos eles. Não levei ninguém a sério.

Cresci, e na adolescência a coisa ficou bem pior. Os rapazes me cortejavam muito, e meu pai começou a ficar muito duro comigo.

Começou a me maltratar e a ficar grosseiro. Hoje entendo que era ciúme.

Um pai com uma filha bonita sofre muito. Os rapazes iam em casa, me chamar no portão, e ele saía gritando e colocava todos para correr.

No entanto, tinha o Pedro, o menino mais lindo, desde a época da escola.

Era para ele que eu olhava, e, entre tantos rapazes que havia na escola, na hora do recreio, meus olhos o fitavam, e era por ele que meu coração acelerava. Eu ficava até sem ar. Durante as aulas, meus olhos não desgrudavam do relógio enorme que ficava em cima da lousa. A Professora Carmelina, muito rígida, nem permitia que usássemos relógio, mas bastava ela dar as costas para escrever na lousa, e meus olhos percorriam rapidamente a parede até ver os ponteiros.

Às dez horas da manhã, hora do recreio, era o momento mais esperado, quando eu via o Pedro.

Mas ele, tímido, nunca chegava mais perto. Os outros rapazes eram mais audaciosos e me perturbavam muito, mas nenhum deles me despertava interesse. Nem mesmo o Paulo, que usava as roupas mais moderninhas, umas calças estilo ‘boca de sino’ e bem quadriculadinhas. As meninas ficavam malucas, mas eu... Nada!

Eu quase não saía de casa, por conta daquele ciúme do meu pai.

Minha mãe sofreu muito, porque ela ficava entre ele e eu, e toda hora havia uma briga. Mamãe até ameaçou que iria se separar, se meu pai não melhorasse, mas, naquela época, uma mulher separada não era bem vista pela sociedade. Além disso, trabalharia em quê?

Desde cedo, ele me controlava, me levava ao colégio.

E minhas amigas riam, porque mais ninguém ia com os pais até o colégio. Todo mundo já ia sozinho, a pé ou de lambreta. Eu tinha uma amiga que era dona de uma lambreta branca com adesivos cor-de-rosa. Não lembro quais eram os desenhos nos adesivos, mas era muito charmosa, e todo mundo

‘babava’ por aquela lambreta.

Mas quando eu chegava, modéstia à parte, eu ofuscava aquela lambreta.

Era um sufoco. Essa minha amiga, Kety, começou a sentir certa raiva por mim.

No começo ela era boazinha, conversávamos bastante e trocávamos ideias, e ela sabia que era do Pedro que eu gostava.

Aos poucos, ela foi se afastando de mim, se afastando e me provocando muito.

Para me provocar, ela começou a flertar com o Pedro. Só para me atingir.

No colégio, na hora do intervalo, ela fazia sempre isso. Quando Pedro vinha, ela se abaixava para amarrar as sapatilhas, puxava assunto, dava um jeito de parar na frente dele ou de esbarrar nele. Eu, de longe, queria morrer com essa cena.

Lógico que por fora tentava não transparecer, mas por dentro estava fervendo como óleo num tacho.

Eu não podia respirar. Meu pai me levava e me buscava na escola. E, dentro do colégio, todo mundo dava em cima de mim, enquanto a Kety provocava o Pedro.

Minha vida começou a virar um turbilhão. Comecei a me sentir mal.

Deprimida, não me arrumava mais. Aquela beleza que todo mundo admirava não era mais tão estampada. Meu olhar estava triste. Quem me conhecia sabia que eu não era mais a mesma.

Nessa mesma semana, foi inaugurado o cinema na minha cidade, e fiquei super animada.

Como eu estava terminando o último ano de ginásio, decidi que iria estudar cinema, queria ser atriz, como aquelas mulheres que atuavam na tela grande.

Seria o máximo: eu, naquelas telas gigantes.

Noites e noites, sonhava estrelar um filme com Pedro. E nós nos beijávamos, como naquelas cenas maravilhosas.

Não me esqueço do filme E o vento levou . Aquela música ainda soa dentro de mim.

Fecho os olhos e posso ver todos os filmes que idealizei dentro de mim.

Eram cenas só de amor, de alegria.

Talvez eu projetasse nas telas do cinema e nas telas da minha alma aquelas cenas que eu não conseguia viver na minha própria vida.

Um dia, ouvi que os meninos do colégio iam, à tarde, ao cinema. E

Pedro também iria. As minhas amigas vieram correndo me contar:

– Hoje à tarde Pedro estará no cinema com os meninos. Vamos?

Meu coração parecia que ia sair pela boca, de tão forte que batia. Nem sei como falaria para o meu pai.

Mas pensei: “vou falar que vamos ficar na biblioteca até mais tarde”.

Afinal, tinha um trabalho de aritmética, e eu havia comentado em casa que precisava fazê-lo.

Bastou isso. Fui até o telefone da secretaria e disquei para casa. Meu pai atendeu, e eu, meio sem voz, pedi permissão a ele para ficar no colégio estudando.

Ele deixou.

Fui para casa da Glória. Nós a chamávamos de Glorinha, porque ela era bem baixinha.

Nós nos arrumamos. Peguei emprestada uma roupa da mãe dela. E

escondido, lógico, passamos maquiagem no rosto. Deixei minhas bochechas bem vermelhinhas, mas não precisava muito, pois como eu era muito branquinha e estava morrendo de vergonha, já estava bem corada, afinal, Pedro estaria no cinema, e era para ele que eu havia me arrumado toda...

Fomos. Era sessão da tarde. O cinema, lotado.

Todas as minhas amigas tinham seus paquerinhas. Quando entramos, eu não sei como, o lanterninha me levou direto para uma poltrona, ao lado de quem?

Isso era coisa da Glorinha, ela era danada. Sempre foi cupido das amigas.

Pedro estava lindo sem o uniforme do colégio. Eu nunca o tinha visto sem uniforme. Estava com uma camisa creme bem engomada. O cabelo, bem penteado para trás. A gente ria, porque sempre falava “Nossa! O boi lambeu?”. Era o famoso ‘cabelo o boi lambeu’. Chegava a brilhar o cabelo dele. Mas não mais que seus olhos.

Sentei apressada, e tudo isso que descrevi não durou mais que um segundo. Mas dentro de mim parecia a cena de um filme. Daqueles filmes

que eu idealizava em casa, sonhando acordada. Agora acontecia ali, diante dos meus olhos.

As luzes se apagaram, o filme começou, e senti as mãos dele procurando as minhas. Fechei meus olhos e respirei fundo. Ele não deu uma palavra, mas seu toque disse tudo.

Nossas mãos se tocaram como um veludo fino. A cena que eu vivia era mais linda que as cenas da tela. Afinal, como dizem, a arte imita a vida, e não a vida imita a arte.

Mas algo estava para acontecer. A Kety, a menina que gostava de ‘dar em cima’ de Pedro, não tinha sido convidada para essa sessão de cinema com os colegas da escola, mas, claro, à boca miúda, as ‘Candinhas’ correram para avisá-la.

Em vez de ir para o cinema ou de cuidar da própria vida, ela foi à minha casa com sua lambreta e avisou meu pai que ninguém estava na biblioteca do colégio, que estávamos no cinema namorando...

Meu pai não acreditou muito nela, mas foi checar com o pessoal do colégio. Ligou na secretaria e ficou sabendo que a biblioteca estava fechada e ninguém estava estudando naquela tarde.

No meio do filme, meu pai entra no cinema e grita. O lanterninha tentou impedi-lo, para não atrapalhar a sessão. Mas ele, truculento e grosseiro, entrou como um boi sem freio e, arrebatando tudo, passou de cadeira em cadeira até chegar a mim.

Todo mundo vaiava dentro do cinema. Jogando pipoca para o alto. Para todo mundo, aquilo era motivo de baderna; para mim, foi motivo do fim.

Quanta vergonha passei naquele dia. Meus amigos do ginásio estavam todos ali, e Pedro, meu amor, minha vida, nossa chance...

Tudo por água abaixo...

Chorei tanto no caminho para casa, e em casa chorei mais e mais...

Foram uns três dias de choro incessante. Eu ainda sentia o toque das mãos de Pedro, o perfume... Ainda ouvia a música do cinema dentro de mim.

Numa tarde em que chovia demais e fazia frio, eu olhei pela janela e vi minhas amigas do colégio no portão de casa querendo falar comigo e minha mãe avisando que eu estava de castigo.

Quantos dias mais eu ficaria ali, presa dentro de casa? Sem ir para a escola? Sem ver Pedro? Eu não tinha direito de ser feliz? Todo mundo era feliz, menos eu? Será que Deus estava me punindo, me castigando?

Tantas perguntas ecoavam dentro da minha cabeça.

A Kety fazia questão de passar em frente a minha casa fazendo bastante barulho com a lambreta. O som daquela motocicleta queria dizer “estou livre e você não”. Eu entendia bem. Compreendia tudo, ou melhor, achava que compreendia.

Comecei a não comer mais, comecei a querer morrer, eu só pensava em sair daquela vida. Por que um pai tão punitivo? Uma mãe tão submissa?

Que sociedade era essa?

Meu pai, numa tarde, avisou que eu deveria me arrumar, porque teríamos um jantar importante em casa.

Fiz o que ele mandou.

Era a família do Dr. Bernardo que chegava. Meu pai mandou me chamar e, descendo as escadas, pude notar a intenção daquele jantar. Meu pai estava me apresentando como noiva do Henrique, o filho do Dr. Bernardo. Um rapaz bom, muito mais velho do que eu, mas eu não o amava.

Meu pai fechou negócio ali mesmo. Senti-me tão ferida.

E meu amor? Onde estaria Pedro? Por que não poderia viver meu grande amor?

Henrique foi uma ótima pessoa, sempre me tratou bem, tive em casa tudo o que uma mulher poderia ter.

Não pude ser atriz, como sonhava, nem viver meu grande amor.

Henrique foi bom, ele até me deixou escrever. Enquanto muitos maridos proibiam as mulheres até de escrever, Henrique me deu um caderno lindo, com estampas em floral.

Todo dia eu escrevia um novo poema. Assinava sempre como homem, e muitas vezes, nos saraus aqui em casa ou na casa de amigos, Henrique declamava. Ninguém imaginava, mas os poemas eram meus, e sempre para o meu amor eterno e terno.

Vivi assim, nas linhas, nos versos e nas rimas que escrevi para tornar minha vida melhor.

O último poema que escrevi dizia assim:

“Quando sua mão

ao tocar a minha parece ser o fim,

não passa de começo bom

pois sinto você bem mais perto de mim.

Sei que um dia nos reencontraremos,

talvez em outra dimensão.

Meu amor é seu, mora em tudo, não se restringe ao meu coração.

Ninguém tira de dentro de mim algo tão rico e bom.

Busco você no ar, nas cortinas que balançam,

na noite que entra, na saudade

e na falta que me sufocam.

Mas no Sol que renasce... na goma da camisa, na seda que visto, no perfume que revisito, meus olhos buscam os seus.

Quando sua mão toca a minha, sinto que sou sua

Que meu amor é seu

Que seu amor é meu

Que muitas décadas passarão, gerações mudarão, comportamentos serão rompidos, e, um dia, nossas vidas se reencontrarão.

Porque quem ama tem muito mais que o encontro de olhos, de corações...

As almas se afinizam, e ninguém tira daqui, de dentro, o que se eterniza”

F ÁTIMA

## **P A R A P E N S A R**

Ainda bem que muitas décadas se passaram e as gerações mudaram.

Hoje, com a alta tecnologia, as mudanças acontecem ainda mais rápido.

Todas as gerações já estão juntas e transformando-se constantemente.

Este período de transição planetária em que vivemos é muito importante.

Repare: tudo muda muito rápido, o comportamento, o pensamento, a moda, o ritmo, o desejo das pessoas...

Nessa carta, notei duas coisas muito importantes: primeiro, a atitude de Pedro, que em nenhum momento tentou se aproximar de Fátima ou falar com o pai dela, na tentativa de mudar algo.

Como esses fatos se passaram numa época muito tradicional, era comum os pais arranjarem casamento para as filhas. É preciso entender isso. Era algo como um negócio, um acordo entre famílias.

Muito se lutou para que isso fosse mudado.

A segunda questão é a ilusão que, muitas vezes, criamos dentro de nós.

Fantasiamos muitos filmes internos, com monstros internos e histórias que não chegam a acontecer.

Isso não mudou. Ainda o fazemos...

E, às vezes, sofremos antecipadamente por um problema achando que é o fim, até chegar outra pessoa, com outra cabeça, outro olhar, e o resolver. O

que é isso senão a expressão de que há várias maneiras de ver a mesma coisa?

Há vários ângulos. Repare, os problemas costumam ser bem maiores quando são com você. Quando o problema é com o outro, você tem receitas, dicas, saídas. Age como um especialista em resolver problemas e tem sempre uma palavra de conforto a quem lhe fala de uma dificuldade.

Quando a mesma coisa lhe afeta, não é tão fácil combater o fantasma.

Questiono se Pedro realmente amava Fátima, embora isso não importe agora e aqui. É preciso tomar cuidado para não fazer o amor, um sentimento

tão divino, se transformar em uma ferramenta punitiva que dia a dia fere. Que cria uma ferida profunda e difícil de ser cicatrizada.

Não podemos criar expectativas em relação ao outro. O amor está em nós. Quando amamos, o amor está em nós. Se eu amo, o amor está em mim.

É comum pessoas cobrarem: “quanto você me ama?”. Como se o amor tivesse peso ou medida...

Criamos o amor e, diversas vezes, sofremos por ele. Não me refiro ao amor de mãe e pai, por exemplo, mas ao amor que chega, faz surpresa no coração, que transforma um simples jardim em um jardim florido, em minutos. Que transforma a vida em rumo bom, que tudo parece reacender.

Esse amor que tanta gente busca e que pensa não ser um direito.

Amar é um direito, desde que tenhamos, antes de tudo e de qualquer pessoa, o amor em nós mesmos. O amor precisa estar em nós, pois só dessa forma poderemos colocá-lo para fora, só depois disso ele fará bem a mim e ao outro.

Amor é para fazer bem, não para ser sofrimento.

O amor une almas.

Conheço dezenas de pessoas que vivem um amor só na cabeça delas.

Criam histórias, ligações que não existem, cenas que nunca aconteceram. O

pior é que contam para as outras pessoas com tanta verdade, que elas mesmas começam a acreditar que aquilo de fato aconteceu.

São autoras de uma ficção da própria vida.

Existem também pessoas que adoram ouvir um “não”. Quando o outro não quer ou não demonstra interesse, aí a conquista fica mais prazerosa. O ser humano parece ter prazer na dor, em sofrer.

Será que não precisamos evoluir um pouco mais nessa questão?

Talvez, nessa história, o “não” que Fátima teve seja mais importante que o “sim”. É mais interessante pensar que “seria feliz” nesse ou em outro esquema que criamos na mente; diversas vezes, como cenas de filmes mesmo. Quando algo não corre como planejamos, como criamos, a revolta torna-se certa.

Em alguns casos, até revolta com Deus.

Quantas vezes escutamos as pessoas dizerem “Deus quis assim” ou

“Deus castiga”. Quantas ideias arcaicas e dogmas ainda enraizados no pensamento humano!

A ideia de um Deus que pune é tão forte que, mesmo passados mais de dois mil anos após a vinda de Cristo, ainda se mantém a crença de que há uma divindade que corrige punindo.

É difícil reconhecer que estamos no comando. Que o livre arbítrio permite que façamos escolhas diárias. Chico Xavier escreveu “A verdade que fere é melhor do que a mentira que consola.”. A verdade está dentro de cada um.

Não podemos criar cenas e vivê-las só dentro de nós. Cenas de filmes são mais gostosas vividas fora, na vida real.

Muito se fala que a vida imita a arte, mas o que surge primeiro?

A vida.

Quem faz a arte? O ser humano.

Portanto, seja construtor de sua própria arte, de sua própria história.

Seus enredos são criados e vividos por você. Crie roteiros e narrativas pautados na verdade. Sem ilusões, sem a ânsia de querer fazer a vida ser perfeita como nas novelas e filmes.

A vida possui beleza, mas também obstáculos. Algumas flores carregam espinhos. E estas podem ser as mais bonitas.

## C A R T A 5

### A LUZ VEM DE DENTRO

“Na vida, não vale tanto o que temos, nem tanto importa o que somos.

Vale o que realizamos com aquilo que possuímos e, acima de tudo, importa o que fazemos de nós!”

#### EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

EU VIVI NA TERRA como um homem ruim. Bebia muito e maltratava minha mulher. Meus filhos, às vezes, até pediam que eu parasse de beber, mas eu achava que eles queriam me dar ordens, e receber ordens deles eu não aceitaria de jeito nenhum.

No meu emprego, nenhuma pessoa mais nova mandava em mim. Eu não era homem para isso. Sabia o trabalho e não admitiria que um pirralho que se

achava o dono da coisa me desse ordens!

Eu bebia demais.

Perdi a conta de quantas vezes caí na rua de casa e de quantas vezes fiz minha família passar vergonha. Achava até que não tinha mais saída.

Pensei em fugir, em escapar dos problemas. Bobagens que passam na cabeça de um desesperado. Quem nunca ficou desesperado?

Saía do emprego e me enfiava no bar. Bebia muito, e misturava tudo. O

dono do bar até já me conhecia e, quando eu chegava, já sabia o que eu ia beber. Para ele era bom, um lucro certo.

Bebia tanto que comecei a dever no bar. O salário já não dava nem para pagar as contas do que eu bebia, e tanta gente dependia de mim.

Quantas vezes meus salários ficaram todos lá...

Meus filhos menores começaram a sair para buscar emprego, e eu, na arrogância da vida cega, achava que estavam me afrontando, desafiando.

Como fui arrogante.

Hoje, agora, consigo enxergar a vida como se a visse em um microscópio. Cada detalhe me é revelado.

E até me pergunto: por que não via minha vida assim antes? Por que eu não conseguia enxergar?

A resposta vem rapidamente: porque eu estava cego, não dos olhos, mas da alma, do sentimento, da vida, de tudo!

Certo dia, eu estava sem condições de caminhar sozinho, mas achei que conseguiria chegar em casa.

Grande engano. Tentei me equilibrar, se é que dá para chamar aquilo de tentativa de equilíbrio, mas fui tropicando, arrancando a ponta dos sapatos.

Meus sapatos estavam desmanchando, de tão velhos que se encontravam.

Não estava realmente em condições de caminhar sozinho. Em um dos tropeções, fui ao chão violentamente e bati com a cabeça em alguma coisa.

Na hora pensei que fosse uma pedra, mas depois vi que era a quina da guia da rua.

Apaguei por alguns instantes.

O sangue escorreu longe. E quanta gente havia em volta, desesperada, tentando me socorrer!

Via aquela cena, mas não entendia como poderia estar ali, deitado, e ao mesmo tempo em pé, me vendo! Por que eu estava fora do meu corpo? Como eu conseguia me ver?

Meus filhos corriam, coitados, e pude ver um deles perdendo um chinelo no caminho. Sabe aqueles chinelos de borracha? O dele era preso por um prego,

tamanha era a penúria em que eu os deixava.

Vendo aquela cena, pensei: “Meu Deus, o que eu fiz da minha casa? Da minha vida?!”

Não cuidei de meus filhos! Preciso voltar e resolver isso. Preciso retomar meu trabalho, cuidar da minha casa, da minha família!”.

Não consigo lembrar da minha esposa. Não recorro a imagem dela. Só lembro dos meus dois filhos, que tinham a mesma idade. Não lembro direito, mas sei que eu tinha uma companheira. Nesse momento, não lembro, não consigo relatar.

Quando me desprendi do corpo, logo vi um monte de gente estranha.

Não eram as pessoas que estavam na rua, assustadas com minha morte. Vi ao meu lado aquela “gente” que andava comigo quando eu bebia. Como me atormentavam! Percebi que eu não bebia sozinho!

Então, pensei, eram daquela gente as vozes que eu ouvia e me mandavam beber, me incentivando, dizendo que a vida era uma porcaria mesmo e não valia a pena seguir adiante.

Era um povo feio, “gente” ruim.

Uns os chamam de espíritos inferiores; outros, de encostos. Não importa o nome, eles se aproximam da gente só para atrapalhar.

Mando ainda um alerta: na Terra, não é só desencarnado que é ruim assim.

Muitas pessoas se aproximam para tirar o que você tem de melhor, e só se afastam quando tiram tudo.

Tome cuidado, porque agora vejo isso, mas não posso voltar atrás.

Porém, quero que minha história sirva de lição para quem quer ser aluno e aprender, para quem procura melhorar sempre e ama sua família e a Deus.

Deus deu presentes para nós, como a família, que é, como dizem alguns, sagrada. Sagrada família.

Não importa como é a sua família, o importante é o amor que existe nela.

Porque só o amor restaura,

Faz viver,

Faz melhorar,

Faz tentar recorrer no bem,

Faz perceber que, na vida, somos livres.

Continuo vivo, em espírito, e sei que terei novas chances, porque não fiz o que precisava ter feito, algo que mereça respeito.

Em copos afundei minha vida e, num líquido que queima, queimei a chance de ser feliz no amor de Deus.

Obrigado pela leitura destas palavras que entram em você como pensamentos, mas que saem como raios de luz para quem está precisando.

Leia sempre que puder, há sempre alguém sentado, queimando por dentro e, muitas vezes, escondido.

Quem ajuda ama.

Quem está aqui tem amor.

Quem não está, o encontrará.

E quem não o encontrar, certamente sem luz permanecerá, e Deus não quer isso.

Para cada filho ou filha é dada uma oportunidade.

Ninguém é mais que ninguém, nem sem sorte ou sem luz.

Estou me renovando, só peço a Deus pelos filhos que deixei. Mas Deus está olhado por eles também, tenho certeza. O amor de Jesus por nós é grandioso.

DITO

## PARA PENSAR

Quase sempre, histórias de arrependimento como esta nos ensinam o valor da vida que temos. Aqui e agora. A família, tão bem descrita na carta como “sagrada”, é um presente.

As mudanças na sociedade não são mais novidades. Novos formatos de família têm surgido. Aqui, não nos cabe julgar o que é certo ou errado, porém, é importante refletir no seguinte: para se constituir um lar, uma família de verdade, antes de tudo, é preciso levar em conta o amor e o respeito. O respeito pelo meu próximo mais próximo e, acima de tudo, o verdadeiro amor. O amor que compreende, que auxilia o outro sem pré-julgamentos, porque sabe que estamos nesta vida aprendendo, e cada um tem um nível diferente de entendimento.

Família significa pessoas unidas em amor. E é muito triste perceber que muitos lares são destruídos por conta de um vício.

Vício do latim “vitium”, significa “falha”, ou “defeito”. É um hábito repetitivo que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com ele convivem.

Margaret Mead, [antropóloga](#) cultural [norte-americana](#), escreveu que:

“A virtude é quando se tem a dor seguida do prazer; o vício é quando se tem o prazer seguido da dor”.

Diversas vezes, o vício não passa de fuga. Trata-se de um desequilíbrio, e, em vez de acusações, o viciado precisa de orientação, de ajuda.

Existem diversos vícios. Por exemplo, o de falar demais, o da verbosidade, que é o ato de falar em excesso sem conteúdo. Uns viciam na fofoca; outros, no ciúme; outros, nos melindres. Ou no jogo, ou na compulsão por compras. Há o vício de falar ao celular, o de ficar nas redes sociais, e por aí vai.

Há tantas mazelas que insistem em permanecer em nós e que podem e devem ser evitadas!

Nos foi dado o livre-arbítrio para que, no bom senso e na boa medida, a vida seja saudável.

A comida em exagero, o sexo em demasia, o álcool como fuga dos problemas são exemplos de uma equivocada tentativa de sentir-se bem.

Nosso corpo é um templo, é a morada de Deus. Deus habita em nós, e qualquer violência que fazemos contra nós, também fazemos a Deus.

**É preciso cuidar da mente:** imagine sempre o positivo. Em vez de pensamentos de tristeza, pense sempre em coisas alegres.

**É preciso cuidar do corpo:** coma e beba com a liberdade de quem se dá o prazer do paladar, mas com a sabedoria de quem se ama.

**É preciso cuidar da alma:** o corpo não é a prisão da alma. Aqui, neste plano, o corpo servirá para elevá-la por meio das atitudes. Suas atitudes, pensamentos e conduta é que garantirão o sucesso do motor vital.

Existe uma frase de que eu gosto muito, atribuída a Jesus, em que ele explica onde está Deus. Diz assim:

“O Reino de Deus está dentro de você e à sua volta, não em prédios de madeira e pedra. Rache uma lasca de madeira e estarei lá. Levante uma pedra e me encontrará”.

Essa citação está em um pergaminho que foi achado em 1945, em Nag Hamaoi, e foi tido como: “As Palavras Secretas do Jesus Vivo”. O

pergaminho, na verdade, é o Evangelho de São Tomé (Tomás), considerado por estudiosos o registro mais preciso das Palavras de Jesus.

Porém, o Vaticano não o reconhece e o descreve como heresia.

Não sei até que ponto essa história torna-se limiar, mas o fato é que Deus está em todos os lugares. Então, como não conseguimos imaginá-Lo dentro de nós?

Conseguimos imaginá-Lo em um Céu distante, num trono, em outro reino, olhando o mundo. É difícil transportá-Lo de lá até aqui e imaginar essa força dentro de você?

Deus em mim, em você, em todos nós, que existimos e que possuímos uma alma vivente. Como escreveu [Paulo de Tarso](#), “Deus não nos deu um espírito de timidez, mas força, de amor e de poder”.

Deus te dá a estrada. Trilhe-a com sabedoria, assim como a lagarta que nasce, cresce, alimenta-se, anda, vive, enclausura-se e morre, para experimentar um tempo de transformação. Depois, apresenta-se linda como borboleta, ou seja, renova-se.

Mas a borboleta tem uma vida curta, uma só vida.

A alma não.

Alma é renovação, é eterna, é estrada sem fim, e passa por essa metamorfose quantas vezes for preciso.

## **C A R T A 6**

### **F ui em tempo de saber que era para ir**

“Receita para Melhorar

Dez gramas de juízo na cabeça.

Serenidade na mente.

Equilíbrio dos raciocínios.

Elevação nos sentimentos.

Pureza nos olhos.

Vigilância nos ouvidos.

Lubrificante na cerviz.

Interruptor na língua.

Amor no coração.

Serviço útil e incessante nos braços.

Simplicidade no estômago.

Boa direção dos pés.

- Uso diário em temperatura de boa vontade.”

JOSÉ GROSSO, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

QUANDO PARTI PUDE ENTENDER muito do que a gente conversava sobre espíritos.

Nunca acreditei profundamente, mas tinha uma ideia de como seria do outro lado, ou melhor, do lado em que estou agora. Aos olhos de muitas pessoas, eu parti muito rápido para o plano espiritual, mas aos olhos da minha alma, não.

Sou um espírito velho, no entanto, Deus ainda me permitiu ir até aí, para viver esse amor com você.

Foram maravilhosos os anos em que estivemos juntos, porque eu cresci demais espiritualmente. Quando cheguei deste lado, pensei que ainda teria dívidas, mas seu jeito, duro comigo, que às vezes me controlava, também me consertava.

Quantas broncas ao pé do ouvido antes de dormir!

E depois do banho, antes de me secar.

Eu aceitava, escutava, porque sabia que era bom para mim.

Meu amor, você ficou aí, mas não ficou sozinha não, você tem por perto todos que gostam de você.

E ainda vai viver um novo amor.

Sei que vai.

Não o viverá a ponto de me esquecer, mas terá um novo amor que cuidará de você.

Não vai demorar, sei que não vai.

Será uma pessoa tão boa que você vai se surpreender e, em muitos momentos, lembrar-se de mim.

Porque algo de bom ficou.

Ficou tanta coisa.

Olha o que conseguimos fazer na família: A vovó, que nem conversava tanto, hoje fala mais que palestrante. E se acha importante, porque vocês dão atenção para ela. E a mãe também.

Parece que nos unimos mais.

A partida nem sempre é ruim.

Só aos olhos que a veem, e o coração que sente na hora.

É também um direito de quem vai embora, com o objetivo de melhorar.

Já estou me restabelecendo harmoniosamente, e meu corpo perispiritual está quase bom.

Quero sair para trabalhar. Não sei ficar muito tempo parado ou deitado, fechado no quarto sem fazer nada.

Muita gente boa cuida de mim e me ajuda, incentivando-me quando fico triste.

Igual quando a gente, no quarto, pegava o livro de mensagens na gaveta do criado-mudo branco. Eu pedia para você tirar uma frase, e quase sempre era a mesma mensagem que saía, lembra?

A gente ria e falava: “então é isso o que temos de mudar”.

Por que toda vez saía a mesma mensagem?

Pensava que era carta marcada, mas não era. Os amigos espirituais agem muito na vida da gente.

Não decorei o texto, mas era algo sobre o amor que abre portas, que impulsiona, o amor que entra até pelas janelas, se não tiver outras entradas.

Era isso?

Estou bem, seguindo a minha trajetória na lei universal da continuidade da vida após a morte do corpo, avançando na busca divina do melhor.

Estou até falando bonito aqui.

Parece que aí eu era meio duro, por causa do meu trabalho, e também não queria aparentar para você que eu era mole. Você era sempre durona.

Tinha gente que falava que você era o “homem” do negócio.

Você adorava. Eu, no fundo, não gostava, mas aceitava, porque era mesmo.

Estou rindo muito lembrando disso.

Fui sem dor, sem sofrimento, e fico triste quando vocês sofrem. Porque eu não sofri.

Avisa todo mundo que eu não sofri.

A mãe acha que sofri, e ela chora à noite, quando lembra de mim caído no chão.

Não quero.

Me faz chorar, choro aqui também.

Me ajude, fale para não chorar assim doído.

Estou seguindo e termino esta mensagem com o recado do amor que construiu tudo. O recado na folha do livrinho de mensagens, até meio sujo, de tanto a gente abrir e ler.

Como é bom lembrar seu toque, seu cheiro, seu cabelo, seu sorriso e, acima de tudo, seu coração, que bate perpetuando o que tem de melhor.

P RETO

## **P ARA PENSAR**

“C aminhante, não existe o caminho. Se faz o caminho ao andar”. Essa frase é do autor espanhol Antonio Machado (1875-1939). E é muito atual e verdadeira.

Toda pessoa que passa em nossa vida não surge por coincidência ou por um acaso qualquer. As pessoas com quem nos relacionamos nos dão a grata oportunidade de nos conhecermos melhor. De melhorarmos, porque estamos evoluindo.

Não existe, então, relacionamento fracassado. Os relacionamentos duram o tempo que precisam durar para que possamos aprender, e assim a vida vai cumprindo seu papel importante, que é garantir nossa evolução.

O término de uma relação é sempre dolorido, porque se rompe um ciclo.

O término pode acontecer de várias maneiras. Por exemplo, de modo inesperado ou de modo amigável, ou em razão da morte. O importante é isto: perceber o que eu aprendi sobre mim .

Sem cobranças ou punições.

É olhar a vida com a grata sabedoria do recomeçar. No início, é comum nos fecharmos. Na dor, o ser humano se fecha, se tranca, se afasta.

Nesse momento, você pode estar fechado para algo. Quando nos fechamos, o novo não chega. O espírito precisa estar preparado para receber o novo. Se o novo ainda não chegou, é porque o espírito talvez ainda não esteja preparado, porque a alma não quer muito.

Por mais que as pessoas lhe cobrem ou esperem de você, não se fira.

Existe o tempo de cada um.

Não se compare, muito menos avance seu passo para alcançar ninguém.

Você está no seu tempo.

Use esse momento, que é só seu, para sentir. Sinta o que a vida está lhe ensinando.

A primeira frase desta carta diz “fui em tempo de saber que era para ir”.

O que você precisa deixar partir?

A escritora Cecilia Sfalsin produziu um lindo texto sobre saudade, não a saudade do outro, mas a “saudade de mim”.

Ela diz assim:

“Hoje senti saudades de mim...

Do meu sorriso, do meu olhar, do meu jeitinho de ser, da minha forma de pensar, do meu coração e do meu sentir. Hoje olhei bem dentro de mim, e percebi que eu não estava aqui.

Então, me dei conta de que as vezes em que não me encontro são exatamente aqueles momentos em que tento agradar a outros e acabo esquecendo de mim. Resolvi me cuidar”.

Não se puna, nem se cobre tanto. A vida, num segundo, muda tudo, e ela sabe para que está fazendo isso. Fazemos o caminho ao caminhar.

**C A R T A 7**

## V OVÓ, O AMOR EM PALAVRAS

“Dois apoios precisamos

Na jornada de ascensão:

A lanterna da bondade

E o trilho da retidão.

Cumpre o dever que te assiste,

Servindo, ditoso e crente.

Da consciência tranquila

Nasce a calma permanente.

Aprende, ensina e esclarece.

Trabalha, ajuda e auxilia.

Não há maior desventura

Que a da existência vazia.”

### CASIMIRO CUNHA, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

SEMPRE GOSTEI DE BATER PAPO com minha avó. Ela dizia coisas maravilhosas.

Sabe, a minha avó Josefa, ela era linda, sempre foi. Uma mulher sempre elegante, que, apesar de não saber ler nem escrever, era uma escola completa.

Bastava abrir a boca que todo mundo parava para ouvi-la.

Vovó nunca havia frequentado uma escola. Naquele tempo, mulher não podia estudar. Então ela seguiu sua vida assim, mas aprendendo sempre, mesmo fora dos muros da escola.

Bastava sentar ao lado dela pra gente ouvir boas palavras. Uma das coisas que ela sempre nos dizia:

“Deus está em nós”.

E ela sempre frisava:

“Ele está dentro de vocês...”.

Um dia, estávamos todos juntos, eu e meus primos.

Adorávamos sentar no chão para escutar a vovó, e existia uma disputa para decidir quem iria sentar mais perto dela. Ah, eu corria... Gostava de sentar encostada no pé da vovó. Ai de quem pegasse meu lugar! Se algum primo sentasse na minha frente, eu ia empurrando, empurrando, até que conseguisse me aproximar.

O chão da casa de vovó era daquele tipo feito de cimento vermelhão, lisinho, então eu empurrava fácil meu primo. Ele deslizava e nem percebia.

Quando se dava conta, era eu quem estava encostada aos pés de vovó.

A avó Josefa tinha um perfume, um cheiro tão gostoso que não sei explicar, era algo fora do comum. Quando eu ia embora, o perfume ficava na minha roupa por dias, mas não era aquela coisa forte, era cheiro de rosa.

Pronto! Ela ia começar a história. Um silêncio pairava no ar.

Ela sempre começava dizendo: “sabem, meus netos...”.

E naquele dia não foi diferente, ela começou...

– Sabem, meus netos, felicidade é algo que você decide por princípio. E

eu já decidi. Decidi isso desde muito cedo em minha vida. E é uma decisão que tomo todo dia quando acordo.

Eu tenho duas escolhas: Posso passar o dia inteiro na cama contando as dificuldades e dores que tenho em certas partes do meu corpo que não

funcionam bem ou posso levantar da cama agradecendo pelas outras partes que ainda me obedecem.

Nossa!

Ninguém nem respirava para ouvir os ensinamentos de vovó. Era bárbaro ouvir suas palavras, doces como uma brisa, e que muitas vezes faziam um vendaval dentro da gente.

Eu tinha meus dez anos e lembro como se fosse hoje. Incrível!

Naquele dia em especial, chovia sem parar, mas não era chuva muito forte, era aquela chuva fraquinha, que bate na janela e deixa a gente com vontade de tomar chocolate quente.

Parece que mamãe adivinhou o meu pensamento. Foi só eu pensar nisso, e ela entrou carregando uma jarra enorme com chocolate quente. Foi uma festa só!

Vovó deu uma pausa, mas não arredamos os pés. Ficamos ali parados pra ouvir seus ensinamentos, suas histórias.

Naquela tarde fria, chuvosa, em meio a goladas de chocolate quente, minha vovó Josefa deu os maiores ensinamentos que alguém poderia carregar numa vida.

– Prestem bem atenção. Cada dia é um presente que ganhamos de Deus.

Isso eu sempre disse a vocês. Enquanto os olhos de vocês puderem se abrir, focalizem um novo dia, mantenham na memória as boas lembranças de cada época da vida.

A velhice, como vocês podem perceber, é como uma conta bancária: você só retira aquilo que você guardou, e esse guardar não precisa ser aos montes. Como em toda poupança, é aos pouquinhos que vamos juntando.

Portanto, depositem um monte de alegria e felicidade na sua conta de lembranças.

Vejam que, mesmo com essa idade, eu continuo depositando, porque nossa missão não acaba nunca.

Nesse momento me esqueci até do chocolate que estava tomando e vi que meus primos nem respiravam direito, para não perder os ensinamentos de vovó.

Olhei um pouquinho para a porta da cozinha, e minhas tias estavam todas lá, paradas também. Acho que elas sentiam saudade da época em que sentavam aos pés de vovó, que continuava a falar:

– Quero que vocês jamais se esqueçam:

Joguem fora tudo o que não for essencial, para que, assim, tenham uma vida mais leve.

Continuem aprendendo. Aprendam mais sobre computador, artesanato, jardinagem, brinquedos, qualquer coisa. Não deixem que a cabeça, desocupada, se encha de coisas ruins.

Vivam o simples.

Riam muito e sempre que puderem. Riam alto. Riam até perder o fôlego, e não se importem com quem não ri, eles amam ouvir o seu riso.

Lágrimas irão acontecer. Agente firme, siga em frente, porque toda dificuldade passa. A única pessoa que acompanha você em suas experiências da vida toda é VOCÊ mesmo.

Esteja VIVO enquanto viver e viva pra sempre.

Esteja sempre rodeado do que e de quem você gosta de verdade: pessoas da família, animais, lembranças, uma música gostosa, plantas, um hobby, o que for...

O lar de cada um é um refúgio. Deixe-o sempre cheio de boas energias, e não se esqueça de cuidar do corpo, ele é o lar transitório da alma.

Aproveitem a saúde. Se for boa, preservem-na e se cuidem. Se estiverem com alguma dificuldade ou probleminha, vamos melhorar isso. Se você não consegue sozinho, peça ajuda a alguém. Há, na Terra e no Céu, muita gente interessada em te ajudar.

Diga a quem você ama que você realmente ama, em todas as oportunidades, e jamais se esqueça que Deus nos ama infinitamente.

Nunca me esqueci desse dia...

Mais de 68 anos se passaram, e cada palavra desse dia ainda ecoava em minha mente como se eu estivesse sentada no chão, perto de minha avó Josefa.

Vó, não sei onde a senhora está nesse momento, mas sei que meu amor é grande demais.

Saiba que vivi uma vida linda na Terra, vivenciei e transmiti seus ensinamentos para meus filhos. Tentei fazer como a senhora: deixei a eles meus ensinamentos de amor. Escrevo esta carta para as pessoas saberem que o que vale na vida é a luz que conseguimos alcançar em nossa caminhada.

Em nossa vida e na vida das outras pessoas.

A NA

## **P A R A P E N S A R**

As palavras de amor de alguém mais experiente têm o poder de tocar de muitas formas o coração de cada um de nós. Hoje, a correria e as diversas formas de comunicação substituíram o bate-papo, o olhar, o café com os próximos. Não há quem não goste de uma palavra amiga, de uma palavra que conforta ou ensina.

[Carlos Drummond de Andrade](#) escreveu: “A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e de que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade.

A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.”.

Tem gente competindo sofrimento. Querendo mostrar que sua dor é maior que a do outro, que seu problema não tem solução. Que o problema do outro é fácil, bobagem, e que o seu problema é problema de verdade.

Hoje, as conversas são raras. Quando elas acontecem, são conversas sobre doenças, remédios etc. Comparar sofrimento é uma das piores coisas que um ser humano pode fazer para si mesmo. Primeiro, porque faz com que algo pequeno se transforme em gigante.

As pessoas têm adorado o sofrimento. Adoram a palavra “coitado”.

Como escreveu o poeta, a dor é inevitável. Todos nós passaremos por diversas dores, mas o sofrimento não. Podemos escolher reclamar o tempo todo ou educar os olhos para os recursos que Deus nos envia.

Pode-se passar por qualquer problema, e a superação é uma questão de postura mental. É o hábito do otimista, a postura do perseverante, que pelo menos faz com que as coisas comecem a mudar.

Você pode oferecer a palavra que conforta, que ajuda e impulsiona, e não importa qual seja sua idade ou sua posição. A palavra que ensina, acolhe, reúne, pode sair das mais variadas bocas.

O corpo tem idade; a alma, não. Alma tem evolução. Propicie ou crie sempre isso. Reclamação acrescenta mais problema.

Promova em sua família momentos de união em que as pessoas riam muito. Isso pode acontecer nos dias mais simples, por meio dos gestos mais simples. Não espere o dia certo. O dia certo não existe no calendário, ele existe dentro de você. O dia certo existe dentro dos seus desejos de realizar, e isso vale para tudo na vida. Não diga “vou ver se dá”. Quem fala isso é porque não vai fazer.

Procure simplificar e mostrar àqueles que estão à sua volta que, embora você ainda não tenha atingido todos os seus sonhos, mesmo diante de suas fraquezas e dificuldades, você tem tempo para um chocolate quente, tem palavras para ensinar alguém e para tentar fazer o outro melhor.

Alguém mais feliz tem possibilidade de fazer outra pessoa mais feliz, e esta, por ser mais feliz, já pode conquistar mais uma, e assim sucessivamente.

E não é exatamente esse mundo que estamos buscando? Um mundo de felicidades?

Faça o seu mundo de felicidades.

[Adoro os dizeres de Dalai Lama sobre felicidade: “A felicidade é um estado de espírito. Se a sua mente ainda estiver num estado de confusão e agitação, os bens materiais não vão lhe proporcionar felicidade. Felicidade significa paz de espírito”.](#)

Felicidade é algo que você decide por princípio! É uma decisão a ser tomada todos os dias, é paz de espírito. É presença de espírito.

Lembre-se: a sua consciência é que faz as coisas boas chegarem, não são as coisas boas que fazem sua consciência ser melhor.

**C A R T A 8**

**M ATAR OU MORRER: A VIDA É MAIS DO  
QUE TRABALHO**

“O Supremo Senhor criou o Universo, entretanto, cada criatura organiza o seu mundo particular.

O Arquiteto Divino é o possuidor de todas as edificações, todavia, cada Espírito constrói a habitação que lhe é própria.

Colaboremos no bem com o entusiasmo de quem reconhece a utilidade da própria ação, nos círculos do serviço, mas sem paixões destruidoras que nos amarrem às ilhas do isolacionismo.”

EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

DESDE PEQUENO, eu sempre ouvia meu pai Jerônimo dizendo “a vida é assim, meu filho, é matar ou morrer”.

Eu ficava pensando naquilo. Como a vida poderia ser assim: ou eu matava ou morria? Mas eu não queria matar, e muito menos morrer. Morrer, porque só morre o corpo físico. E matar, jamais, nem pensar! No meu caso, não mato nem barata.

Cresci com isso na cabeça, querendo saber por que a vida seria isso: matar ou morrer. E descobri. Meu pai é que vivera a vida dele assim, nessa filosofia. A ideia de vida dele era essa!

Entendi o que meu pai queria dizer. Ele se referia à vida como uma guerra, uma luta.

Papai sempre foi batalhador, e sofria com o trabalho em sua borracharia.

Nossa! Lembro-me de quando chegavam aqueles caminhoneiros, com pneus gigantes para meu pai consertar.

Eu adorava... Ainda moleque, enquanto meu pai consertava os pneus, eu brincava na carroceria dos caminhões, me sentia um rei. Sentia-me grande olhando a vida lá de cima.

Um dia, parei e vi, de cima da carroceria de um caminhão, outro caminhão, um velho, que também parou ali para consertar o pneu. Lá de cima, olhei meu pai.

Parei alguns instantes e vi seus cabelinhos já brancos e, em cima da cabeça dele, uma rodelinha de careca já aparecendo.

Ele cansado, mas ali fazendo força pra levantar o ‘macaco’ e retirar do caminhão aquele pneu pesado. Cresci e nunca esqueci aquela cena.

Ela realmente ficou marcada em mim. A cena do meu pai sofrendo.

Venci na vida.

Formei-me advogado e tive uma família linda. Eu nunca quis seguir os caminhos do meu pai. Sempre o admirei, mas tinha meus sonhos.

Durante toda minha vida no plano terrestre, a cena não saiu da minha cabeça: meu pai sentado num banquinho velho de madeira, fazendo força para subir o macaco e trocar os pneus do caminhão.

De todas as lembranças que tenho do meu pai, são assim: ele

trabalhando, trabalhando... suando, carregando pneu, colando câmara, sujo de graxa, e aquela frase que me marcou é “filho, a vida é assim, é matar ou morrer”.

Entendi como ele encarava a vida: como uma guerra. Papai viveu sempre assim.

Tenho o maior orgulho do meu pai, mas não tenho lembranças dele, um dia sequer, brincando comigo, correndo comigo, nem que fosse na carroceria de um caminhão velho. Não me lembro do meu pai sentado almoçando com a gente. Estava sempre atendendo um ou outro que buzina na porta da borracharia. Ele corria e dizia “a vida é assim filho: matar ou morrer”.

Talvez ele estivesse tão preocupado com o sustento da casa, com a

‘guerra’ da vida dele, que não se lembrava que a vida também é riso, é abraço, é saudade doida, é alegria e tristeza, que a vida é toque, é ficar sem fazer nada.

Deus nos dá todos os recursos necessários para a vida, mas é preciso haver um bom senso de quando parar para usufruí-la, e acho que faltou isso no meu pai.

Talvez naquela cena, eu, lá em cima do caminhão, ainda pequeno, olhando meu pai trabalhando, acho que meu coração, mais do que matar ou morrer, queria abraçar e amar meu pai.

A vida passou rápido demais.

Parti sem conseguir abraçá-lo como eu gostaria. Sei que poderia ter tomado a iniciativa, mas tenho a certeza do meu amor, que foi infinito. Hoje entendo que trabalhar demais era também a forma de meu pai dizer “eu te amo”.

S ALVADOR

## **P ARA PENSAR**

Algumas pessoas vivem como se a vida realmente fosse uma guerra.

Lutam, brigam, defendem-se, batalham. Usam adjetivos sempre pesados para referir-se ao trabalho. O trabalho é importante, é o que nos mantém, mas é preciso bom senso para tudo.

A parada, muitas vezes, é necessária. Às vezes, você vive como se não fosse morrer nunca, e quando vê algum conhecido partir para o outro lado da vida, diz “Nossa! Ele morreu de repente”.

Ninguém morre de repente, morremos porque já nascemos com a morte em nós. Ela já está conosco. Mas nosso cérebro parece bloquear essa informação. Assim age a maioria das pessoas. Um escritor português, Francisco de Quevedo (1580-1645), tem uma frase de que gosto muito:

“Como pode morrer de repente quem, desde que nasce, passa a vida levando consigo a morte?”.

Na carta do Salvador para seu pai, podemos ver claramente a lembrança da criança que vê o pai trabalhando em excesso, que o admira, mas que sente, todas as vezes, que o pai não parou sequer durante o almoço para um olhar, um abraço, uns minutos de atenção. A vida não é matar ou morrer. A vida é viver e morrer.

Como escreveu Pablo Neruda “Evitemos a morte em doses suaves, recordando sempre que estar vivo exige um esforço muito maior que o simples fato de respirar.”.

Tenho certeza que nesse momento você tem algo a repensar. A reorganizar em sua trajetória. E a vida é justamente essa mágica, ela nos permite

reescrever o que não está bom e recomeçar, o tempo inteiro. Permita-se mudar, mude seu futuro, e não importa quantos anos tenha.

Sua história não acabou aqui. Existe alguém que te ama, que te tem como referência, como sonho.

O que a vida espera de você é coragem, não para matar ou morrer, mas para viver grandiosamente.

## **C A R T A 9**

### **O MILAGRE DO CANAVIAL**

“Chegaram os tempos da iniciativa própria, do esforço pessoal em favor da iluminação, da consciência do indivíduo, perdido no oceano da coletividade.

Cada homem deve e pode possuir qualidade autodidata.

Aprendamos e pratiquemos, trabalhando, laborando com o nosso desprendimento, sem nos fanatizarmos, dentro das atividades que nos cabe desenvolver e dentro da tarefa que nos cabe desempenhar.”

### **EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER**

AQUELA VIDA DURA DE TODAS as manhãs, na roça, não era para qualquer um.

Eu ainda era pequena, não lembro bem a idade, talvez uns oito ou nove anos, mas me lembro de tudo o que acontecia, e com muitos detalhes, de todos aqueles momentos que vivi na Terra.

Papai vivia com as mãos machucadas de cortar cana, e nossa mãe, quando chegava em casa, ainda tinha de lavar roupa e fazer a comida do dia seguinte.

Logo cedo eles saíam, e iam todos: meus pais e meus irmãos mais velhos. Éramos catorze, no total. Era para sermos quinze, se um dos meus irmãos não tivesse desencarnado poucos anos antes de mim.

Naquela época, as famílias eram grandes. Até dou risada lembrando de quando juntava todo mundo para comer. Era uma festa só.

A gente era tão, mas tão pobre, que nem tinha prato para todo mundo.

Uns jantavam antes, e os outros ficavam esperando liberar os pratos, mas ninguém se importava com isso, a gente queria mesmo era estar por perto, todo mundo junto.

De madrugada – nem falo de manhã, porque aquilo não era de manhã, era de madrugada mesmo –, logo às quatro horas, todo mundo saía para trabalhar, e eu ficava cuidando dos meus irmãos mais novos. Eu só levantava para ajudar mamãe no café, depois trancava a porta e voltava para a cama, afinal, era muito cedo ainda, e eu esperava pelo menos o Sol nascer.

Meus irmãos mais novos ficavam dormindo. Eu era responsável por eles. Quando o Sol começava a clarear o dia, eles iam despertando e já começavam a sair das suas camas para brincar no quintal.

Papai havia colocado uma tramela, sabe, aquela fechadura na porta, uma

“fechadurinha” de madeira. Ele colocou bem alto, para que meus irmãos pequenos não pudessem destravar a porta e sair enquanto eu dormia.

É porque tinha muito mato em volta da casa, e logo emendava com a plantação de cana. E a plantação de cana era gigantesca. Se alguém se perdesse ali, seria muito perigoso, porque, quando os donos da fazenda colocavam fogo na plantação, era o fim de quem estava perdido ali no meio do canavial.

Quando eu levantava, preparava o mingau deles. Fazia uma polenta bem molinha, e eles ainda molhavam nela o pão caseiro que mamãe deixava preparado um dia antes, embrulhado em alguns panos. Eram panos branquinhos, lembro bem, mamãe era muito caprichosa. Uma mulher nova, mas muito judiada pela vida, com catorze filhos, que desde cedo trabalhara na lida com a cana. Não era fácil mesmo.

Eu, apesar de novinha, era a responsável pela casa. Sentia-me orgulhosa.

Dona de tudo. Bom, pelo menos até meus pais voltarem, era eu a dona da casa, era a rainha do lar, e aí de quem não me obedecia.

Eu pegava no ‘pé’ mesmo. Meus irmãos, antes de sair para brincar, me ajudavam a arrumar as camas, a estender os cobertores.

Cosme, meu irmãozinho mais novo, com cinco anos, ainda fazia xixi na cama. Coitado. Ele morria de vergonha, e, quando ele ‘enrolava’ para sair debaixo dos cobertores, eu já sabia que o colchão estava todo molhado.

Outro dia, papai fez que ele ficasse no quintal com o colchão nas costas até secar. Morri de pena e fui ajudá-lo. Meu pai me deu uns puxões na orelha e disse que ele tinha que aprender a não molhar a cama, que já era grande demais para fazer aquilo.

Sabe como é criança, tem vergonha, mas de noite não segura o xixi.

Imagine, coitadinho, tão franzino, tão pequenininho, segurando o colchão nas costas. Meu pai era assim, muito rígido com a gente. Não tenho lembrança dele rindo. Sempre sério, sempre concentrado e sempre puxando nossas orelhas, e não estou falando em metáfora não, ele puxava de verdade.

Meus irmãos, coitados, quase ficavam sem as orelhas.

Hoje dou risadas, mas na época eu tinha pena dos meus irmãos e medo dele me pegar de jeito.

Eu era quieta, não apanhava muito, mas meus irmãos sim, porque eram danados. Faltava pôr fogo na casa, de tanta bagunça que faziam.

Todo dia era assim, fazia Sol ou chuva, lá iam meus pais e meus irmãos mais velhos para o corte de cana.

Eles levavam comida, mas, quando eram mais ou menos umas onze da manhã, eu ia até uma árvore grande no centro das plantações, que era o local onde todo mundo se encontrava para almoçar. Tinha uma sombra

maravilhosa, era um lugar gostoso mesmo. Ali todo mundo sentava no chão, abria a marmitta e comia com gosto. Parece que, com o cansaço, a comida

fica até mais gostosa.

Nessa hora eu ia sempre levando uma moringa com água fresca. Era pesada, mas eu ia levando devagar. Meus irmãos menores ficavam trancados dentro de casa, eu não tinha como levá-los. Eu saía e trancava por fora a porta com uma cordinha que prendia num prego. Aí não tinha como ninguém sair.

Eu levava a água e demorava pouco mais de trinta minutos entre a ida e a volta. Era rápido, e nada demais poderia acontecer.

Quando eu chegava com a água fresca, todos batiam palmas e gritavam.

Sentia-me o máximo, sentia que era esperada. Uma vizinha nossa, coitada, sempre falava “menina, vem logo com essa água que minha garganta está seca, a comida nem desce...”.

Eu servia a água para todos, nas canecas de alumínio já amassadas, e voltava correndo para casa, com a moringa vazia.

Era assim todos os dias...

Na volta, eu já acendia o fogão (fogão a lenha, claro) e esquentava o almoço que minha mãe tinha deixado pra gente.

No fim da tarde, quando eles voltavam, meus irmãozinhos e eu estávamos vermelhos de tanta terra.

Como era gostoso brincar em volta da casa naquele terrão vermelho. A tarde toda era assim. Depois do almoço, a gente brincava de tudo e inventava bonecos com as espigas de milho. Eu espetava palitinhos nas espigas, colocava uma roupinha em cada uma e fazia como se fossem minhas bonecas. Tinham até cabelinho para pentear.

Meu pai, quando nos via brincando em volta da casa, sempre falava

“não vão nunca para dentro da plantação, é muito perigoso se perder lá dentro, e a gente num tem como achar no meio das canas. Não tem rua, é muito fechado”.

Eu sempre estava de olho em todo mundo.

Na manhã seguinte foi tudo igual. Eles saíram, levantei, tranquei a porta com a trâmela e voltei para cama. Ainda estavam todos dormindo.

Eu estava tão cansada que peguei num sono muito, mas muito pesado...

Quando acordei já estava muito claro, e meus irmãos estavam no quintal brincando. Dei um pulo e saí correndo, eu queria saber como eles haviam saído.

Dei uma volta correndo em torno da casa. E, para meu desespero, faltava o Cosme. Cadê o Cosme?

Não acreditei, voltei para dentro de casa, fui na cama dele ver se não estava escondido embaixo da cama, olhei dentro dos galões de água que ficavam em volta da casa. Ele gostava de se esconder lá. Nada. Nada do Cosme.

Entrei em desespero.

– Quem destravou a porta? Eu tranquei a porta! Quem abriu?

Meu irmão Damião disse que logo cedo tinha pegado o cabo de vassoura e virado a trâmela, abrindo a porta para eles saírem para o quintal.

– Tudo bem. Mas, mas cadê o Cosme? Onde ele se escondeu?

– Ah! Eu falei para ele não ir, mas ele entrou na plantação...

Eu dei um grito tão alto, mas tão alto, que acho que aquela fazenda inteira ouviu. Menos o capataz responsável por acender e queimar as canas.

Uma nuvem cinza subia ao céu. Aquele dia era dia de queimada! Onde estava o Cosme?

Meu Deus! Ele está perdido lá no meio. Só pode estar. Tranquei meus irmãos dentro de casa e corri, mas corri tanto em meio aquela fumaça, procurando meu irmão. Achei o chinelo dele. O chinelinho dele ainda todo gasto. O chinelo ia passando de irmão para irmão.

Voltei e, sem saber o que pensar, corri para onde meus pais estavam. Eu gritava tanto que nem sei como respirava, corria e gritava ao mesmo tempo.

Eu precisava avisá-los que Cosme estava no meio da plantação, que a queimada tinha de parar.

Cheguei, e minha mãe já vinha ao meu encontro. Ela sentiu que algo estava acontecendo. Mãe sabe quando algo vai acontecer. Ela já veio ao meu encontro com os olhos de quem sabe que uma tragédia estava para acontecer.

Foi dado o alarme.

Meu coração batia tão acelerado. Eu me sentia culpada.

– Eu dormi demais, mãe! A culpa é minha! A culpada sou eu. Deveria ter ouvido a porta abrir.

Todo mundo correu, até quem não era da família, ou melhor, quem não era de sangue, porque ali todos nós éramos uma família.

Mas o fogo não perdoa e se espalha rápido demais.

A fumaça, o calor, os gritos de desespero de quem tentava entrar em meio à plantação e não conseguia nem chegar perto.

Caí em terra, chorando com minha mãe.

Nesse momento era como se o céu se abrisse diante de nós e em meio a tantos gritos.

Escutamos um choro...

Olhei para trás, limpei os olhos, que estavam cheios de poeira, ardendo por causa da fumaça e das lágrimas, e não pude acreditar...

Era o choro de Cosme!

Sim, ele estava vivo e estava vindo até nós no colo do Sr. Fernando, o dono da fazenda.

– Alguém aqui perdeu um menino que ainda faz xixi na cama? –

Brincou o Sr. Fernando.

Cosme estava preto de tanta sujeira e todo arranhado de correr no meio das canas. O Sr. Fernando havia encontrado Cosme chorando do outro lado do canavial. Ele havia entrado na plantação com vergonha. A vergonha do colchão molhado de novo.

O Sr. Fernando disse que todos ali deveriam voltar para casa, juntar-se a suas famílias, e fazer uma oração agradecendo a Deus pelo milagre. Pois naquela manhã um milagre havia acontecido. O Sr. Fernando explicou que nem mesmo a cavalo seria possível atravessar tantos quilômetros de plantação como Cosme atravessara, e ainda mais um menino de cinco anos, franzino, sozinho... Somente um milagre!

Um milagre divino poderia ter salvado meu irmão. Nossa família ficou conhecida, durante muitos anos, como o milagre do canavial.

MIRIAN

## **P A R A P E N S A R**

A palavra milagre significa prodígio, coisa extraordinária. Resumindo, é um ato de poder divino contrário às leis conhecidas da natureza .

Antigamente, um telegrama, por exemplo, era considerado “coisa fora do comum”. Como algo poderia chegar tão rapidamente às mãos de outras pessoas?

Como se pode falar em um aparelho, e a pessoa, do outro lado da linha, ouvir o que foi dito, mesmo a uma distância gigante? O telefone foi um susto, uma novidade. Para muitos, um milagre.

Na chegada dos portugueses ao Brasil, para os índios, o espelho era um milagre. Como eles poderiam ver a própria imagem refletida em um objeto?

Era considerado algo divino. Fora do comum.

Muitos séculos de ignorância fizeram com que as pessoas vissem como um milagre tudo aquilo que não conheciam e não sabiam explicar.

Milagre, então, é entendido como tudo o que foge ao natural. Tudo o que, aparentemente, não tem explicação. Com o passar do tempo, e com tantas descobertas, os milagres foram restringindo-se apenas às questões da espiritualidade. Porque os únicos efeitos que as pessoas não conheciam e não conseguiam explicar eram os sobrenaturais, os fenômenos do mundo espiritual.

Na história do mundo, a palavra milagre foi muito usada para representar tudo o que os olhos humanos e seus estudos não poderiam explicar.

A Igreja, por sua vez, adotou a expressão para representar os fenômenos de cura, por exemplo. O que os remédios não curavam, algo divino, “do céu”, sobrenatural curava. O que não se podia explicar, mas acontecia, era tido como milagre.

O conhecimento e os estudos sobre os vários mundos existentes fizeram

com que fossem reveladas novas leis para explicar fenômenos que, aos olhos de muitos, eram “milagres”. Há mais de 150 anos os estudos sobre os espíritos revelaram o que a ciência (a física, a química...) ainda não explica.

Aprende-se que o espírito não é outra coisa que alma sobrevivente fora do corpo. É um ser vivo. Porém, enquanto o corpo tem sua duração no tempo natural, o espírito é eterno.

Por meio das manifestações que a alma produz, ela prova sua existência, sua sobrevivência e, o mais importante, sua individualidade. Prova que cada ser é único, um universo espetacular.

O milagre seria perceber que, então, tudo na vida é um milagre.

Esta carta que conta a história do menino encontrado do outro lado do canal demonstra exatamente o que as pessoas consideram “um milagre”.

Como ninguém consegue entender como o menino pode ter atravessado o canavial, a família fica conhecida como “o milagre do canavial”.

A explicação para tal fato leva, instantaneamente, às leis espirituais.

Para aquelas pessoas, porém, o que existe é algo que não podem ver, nem tocar, nem sentir... E sequer imaginar como o mundo espiritual age.

Gosto dessas histórias de vida simples. E sinto que, se existe um milagre hoje, em que predomina um modo de vida automático, ele está no fato de aprendermos a valorizar o que existe de simples e de bom.

A singeleza da vida da roça, das pessoas tão comuns que levam uma vida sem luxo, sem grandes prazeres, às vezes sem nenhum prazer, nos ensina muito sobre o pouco que é preciso para viver.

É preciso valorizar o que se tem agora. O exemplo de uma vida simples pode fazer você perceber o quanto de bom possui.

Temos todos os recursos necessários, e Deus jamais deixa faltar algo a um filho ou uma filha. Uma das frases mais conhecidas de Jesus já avisa “O

senhor é meu Pastor e nada me faltará”. Isso não significa que se deve esperar que as coisas aconteçam, estagnar e ficar na inércia. Ao contrário.

Deus não faz por nós. Ele faz através de nós. O trabalho pessoal, a ação, o aperfeiçoamento, são o grande milagre da vida.

A busca, o movimento e o aperfeiçoamento são milagres que todos os dias recebemos em mãos por meio da oportunidade das escolhas.

O trabalho é o método, e nunca, jamais, faltarão recursos para a vitória.

Perceba que o agora é um milagre. Agora é o único momento garantido para você. Agora é a vida. Então, pare de pensar em como as coisas vão ser ótimas no futuro.

Pare de ficar refletindo só no que passou. Aprenda a ficar no “aqui e agora” e experimentar a vida enquanto ela está acontecendo.

Tente viver a felicidade na facilitação da vida, ou seja, simplificando. Eu posso chamar a felicidade de simplicidade, não posso?

Dou à minha vida o poder para ser feliz. Pare de supervalorizar as coisas que dão errado. Acredite mais.

Creia sempre no socorro divino de Jesus e multiplique os raios do amor na estrada em que faz seu caminho. Aprecie o mundo pela beleza que ele possui nesse momento.

## **C A R T A 1 0**

### **O DIA EM QUE EU SAÍ DE CASA**

“Onde há trabalho, existe compreensão.

“Onde existe compreensão, há tolerância

“Onde existe tolerância, existe cooperação.

“Onde existe cooperação, existe humildade.

“Onde há humildade, existe amor.

“Onde existe amor, abre-se o caminho para Deus.”

EMMANUEL, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

MÃE, NÃO POSSO SEGUIR EM PAZ.

Essas palavras que envio me causam certo alívio, porque te peço paz e busco paz dentro de mim. Desde que saí de casa, a senhora não me perdoou

e, anos após anos, alimentou uma mágoa terrível que só nos fez mal. Não só para a senhora, mas para todos que viveram ao seu lado.

Confesso à senhora que tive que sair de casa porque a minha vida precisava seguir. Eu precisava conhecer o mundo, tentar conquistar meus sonhos. Isso a senhora nunca entendeu.

Eu não podia ficar parada nessa cidade, sem crescer, e a vida é assim. Eu queria crescer. Nunca aceitei a vida que tínhamos. Não se diz que passarinho quer voar? Então, a senhora não entendeu isso.

Tentou me segurar, mas fui mesmo embora, porque eu precisava fluir.

Achei que me perdoaria depois de um tempo, achei que entenderia a minha necessidade, mas daqui vejo seu coração mais duro que pedra, mais frio que um bambu em tempestade.

Mãe, por que tudo isso?

Nunca fui uma mulher feliz. Depois de minha partida, comecei a repensar minha vida e vi como fui tola e não valorizei as coisas e muito menos as pessoas que tinha ao meu lado. No começo eu me sentia perdida.

Às vezes, olhava para o lado e não reconhecia ninguém, nem o lugar, nem eu mesma. Aos poucos, fui entendendo tudo...

Outro dia encontrei uma senhora com cabelos lisos, bem grisalhos, era a sua cara, mãe. Na hora não reconheci, mas sabia que tinha uma ligação conosco. Sabe quem era? A avó.

Ela me disse:

– Filha, sua mãe pensa exatamente como eu pensava, ela só se esquece de que repetiu a dose, fez exatamente o que fiz com ela. Deixe. O tempo, e só o tempo, cura tudo.

Mãe, não desanime com as dificuldades que estão surgindo no dia a dia, a avó pede que não fique assim, nessa angústia que lhe tem perturbado muito.

Isso somente poderá lhe causar as dores, como você já vem sentindo. Isso só está lhe trazendo algo ruim.

As dores do corpo, muitas vezes, mãe, são dores da alma. Deixe essas mágoas irem embora.

A alma reflete no corpo o tempo todo, é que muitas vezes não percebemos ou não queremos acreditar. Como é nítida, aqui, a imagem de vocês. Se pudesse, queria tocá-los e que vocês pudessem sentir.

Não sei se posso, não sei se consigo, não sei se devo.

Vocês todos duvidavam muito do mundo espiritual, eu mesma duvidava, e, hoje, olhe onde me encontro...

A vida é um presente de Deus para nós, a vida na Terra é uma grande experiência divina. Quando aqui chegamos, percebemos o quanto não a valorizamos de verdade.

Reclamamos muito, às vezes até amaldiçoamos a Deus com tantas reclamações diárias.

Vejo que tudo era bom. Mesmo as mais terríveis dificuldades me impulsionaram para frente.

Mãe, fui uma menina livre, uma adolescente rebelde e uma mulher independente.

Sei que a senhora não me perdoou até hoje por eu ter saído de casa e deixado a vida que a senhora planejou. Só que o seu planejamento não é o meu. Seus sonhos não são os meus. Eu precisava seguir o que minha alma dizia.

Eu precisava caminhar, precisava seguir minha vida.

>Sempre soube o quanto a senhora se magoou, mas daqui posso ver e sentir sua mágoa, e ela é ainda maior do que imaginei.

Peço à senhora que me perdoe e não viva mais essa mágoa. A mágoa só lhe faz mal e faz mal a todos que estão a sua volta.

Eu precisava ir.

Mãe, deixe-me ir...

S IMÉIA

## **P ARA PENSAR**

A primeira ordem na vida é: pare de se apegar ao passado. Ninguém pode iniciar o próximo capítulo da vida se continuar relendo o anterior.

Ninguém pode avançar às páginas seguintes se está preso nos capítulos anteriores.

É impressionante como problemas antigos, de melindres e mágoas, atrapalham o fluxo natural. Não se pode fazer da vida um grande museu.

Podemos aprender muito com a natureza. Basta observar que todo fluxo natural é para frente. O mundo gira no avanço.

Prender-se em mágoas é carregar dentro de si má água, uma água ruim e que faz mal apenas para quem a leva consigo.

Cada pessoa possui os próprios desejos e sonhos, e a felicidade para o outro pode não ser o que você planejou.

Um exemplo muito comum são pais que planejam a profissão de seus filhos antes mesmo de eles aprenderem a primeira palavra. Passam uma vida inteira planejando, incentivando os filhos a seguir a profissão dos pais e, quando eles crescem e querem seguir outros caminhos, os pais se sentem traídos. Mas quem verdadeiramente foi traído nessa história?

Onde está a lei da livre escolha em relação aos desejos dos filhos? Claro, os pais devem orientar, encaminhar, torcer, mas nem sempre o que os pais acham ser felicidade realmente é a felicidade que os filho procuram.

O escritor nova-iorquino Alfred A. Knopf escreveu: “A vida não anda para trás nem espera pelo passado. Tu és o arco a partir do qual são disparados os teus filhos como setas vivas. O arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e arqueia-te com a Sua força para que a Sua flecha possa ir longe veloz. Deixa que o teu arquear às mãos do arqueiro seja de satisfação. Porque assim como Ele ama a seta que voa, ama também o arco que é firme.” [5](#).

Pais erram muito em achar que os filhos irão sofrer com determinada escolha.

Pare de se preocupar com o sofrimento do outro e transformar isso em seu sofrimento. Cada um percorre o próprio trajeto.

As pessoas podem amar a pessoa errada, chorar pelas coisas erradas, decepcionar-se, enfim, experimentar tudo o que uma vida proporciona, mas, não importa o quanto algo seja errado, uma coisa é certa: os tropeços nos ajudam encontrar as pessoas e as coisas que são certas para nós.

O bonito da vida é isto: perceber que todos cometemos enganos, tropeçamos, e até nos arrependemos por ações do passado, mas você não é seus enganos, você não é seus erros. Eles são resultado da cabeça que você tinha na época em que os cometeu. Hoje, um pouco mais maduro, é possível ver de uma nova maneira. O erro não se repete da mesma forma, e a culpa deve ser deixada com as experiências passadas.

Você, definitivamente, não é essa mágoa de algo que passou. Você está aqui neste momento, com o poder e a liberdade de definir o seu futuro.

Tudo o que aconteceu em sua vida até agora está te preparando para um momento que ainda surgirá. Você é eterno. Não se apegue ao que passou.

Viva a beleza do agora e todas as possibilidades do que virá.

[5](#) .Alfred A. Knopf. The Prophet Nova Iorque: 1951. pp. 17-18.

**C A R T A 1 1**

**V OLTO A SORRIR SEMPRE**

“Em matéria de felicidade convém não esquecer que nos transformamos sempre naquilo que amamos.

Quem se aceita como é, doando de si à vida o melhor que tem, caminha mais facilmente para ser feliz como espera ser.”

ANDRÉ LUIZ, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

DEPOIS DE TANTAS LÁGRIMAS, finalmente volto a sorrir.

Depois de tanto tempo em sofrimento, tive a permissão de me expressar.

Foram muitas experiências ruins que não quero nem citar nessas linhas que envio a vocês. Foram momentos de dor que eu nunca imaginei existir na vida

de quem causa a própria morte.

Agora sei o que acontece com quem se suicida. Não vem alívio algum.

Ao contrário. A dor foi muito maior.

Graças a Deus fui socorrido, e hoje caminho na melhora. Que bom que mesmo depois de tanto tempo vocês não me esqueceram.

Eu estava querendo muito abraçá-los e faço isso agora através dessas palavras.

Somente as boas lembranças trago comigo, não mais a luta de dias tristes em que a depressão e o medo me levaram ao término de minha vida.

Às vezes, quando me pego pensativo, não consigo entender o porquê de tanta tristeza. Eu tinha tudo! Tudo o que alguém poderia desejar, ou até mais.

Olhando daqui vejo que eu tinha uma vida boa. Bobo fui eu em terminar com ela...

Mãe amada, perdão pela dor; pai querido, enxugo suas lágrimas através dos beijos que te envio.

Sempre que vocês choram, choro também aqui.

Esta é a lei: Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar...

Compreendi isso melhor depois que passou o desespero de ter acabado com a vida do meu corpo na grande ilusão de acabar com meus problemas.

Eu ainda culpava vocês pelos meus problemas...

Sei que um dia terei outra oportunidade de voltar ao plano terreno e sei que Deus, em seu infinito amor, me perdoará.

Hoje percorro as escolas que nos ensinam muito mais que uma religião, ensinam a vida simples e bela que podemos ter se acreditarmos que todos nós temos o direito de ser felizes. Basta acreditarmos em um Deus amigo.

Aqui nunca estamos sós, há sempre alguém que nos ouve, nos orienta e nos mostra o caminho da paz.

Se eu soubesse disso naquele dia, naquele quarto escuro, com aqueles remédios, nada, nada daquilo teria acontecido... Eu só pensava em acabar com a dor que estava dentro do meu peito, e não com a minha vida...

Não queria acabar com a minha vida, eu queria parar com a dor que sentia dentro de mim.

Chega! Chega! Era o que eu gritava por dentro, mas ninguém me ouvia... Também, cada um seguia com suas dificuldades e tropeços.

Por fora eu ria, mas por dentro eu gritava e chorava.

Por isso vocês se assustaram, porque eu mostrava ser feliz, mas não!

Não era mesmo!

E quando pensei que acabaria com a dor de dentro do meu peito e colocaria um fim em tudo, eu fui jogado para fora do meu corpo como uma luva que é retirada das mãos violentamente... Foi um choque.

Vi que continuava vivo, e por muitos dias não entendi nada.

Pude ver e sentir todo o sofrimento de vocês, meus pais amados. O

tempo não para, e a vida não volta atrás. Já aprendi que essa é a lei universal.

Aqui continuo a ser cuidado e estudo muito. No começo, sofri um pouco, como eu já disse: sofri muito pelo arrependimento do que fiz.

Quem tira a própria vida vai contra Deus, e o maior desespero de um suicida é descobrir que continua vivo. Mas não é disso que quero falar...

Tenho três coisas para dizer a vocês, minha família amada, diante de tudo o que borbulha dentro de mim...

Peço a vocês que amem incondicionalmente, ouçam mais e falem menos, mas falem o necessário. Acreditem na vida eterna, porque o corpo acaba, mas o espírito continua, e sempre olhem nos olhos das pessoas: eles são as janelas da alma, e muito pode ser percebido em um olhar.

Abraços a todos que me amam e perdão por ter interrompido tão brutalmente nossa história de amor, mas sei que vamos nos reencontrar.

Estudem e conheçam mais sobre vocês, sempre!

A vida continua, só mudamos de endereço!

C ÉSAR

## **P ARA PENSAR**

Todo incêndio começa com uma fagulha. Ele nunca começa grande: ele começa com um fio descascado, uma faísca insignificante, mas que toma proporções devastadoras.

Alguns problemas em nossas vidas são como fagulhas que se acendem e que, se não forem cuidadas, podem devastar e tornar-se labaredas.

Quem faz tempestade em copo d'água termina por afogar-se num oceano de problemas, principalmente quando esses problemas estão dentro da mente da própria pessoa.

As coisas passam, tudo passa. Menos aquilo que você insiste em segurar dentro de você.

Na vida automática que tantos de nós vivemos hoje, é difícil haver quem pare e converse olho no olho. E quem enxergue além da moldura.

Muitos, neste momento, vivem com a família, sob o mesmo teto, mas cada um permanece em seu universo. Mergulhados na TV, no celular, na internet, mas não convivem, ficam dentro de si mesmos.

Pais que não sabem o que se passa com seus filhos. Filhos que sequer sabem os sonhos e as vontades de seus pais.

Pare imediatamente de negligenciar os pequenos momentos. Aproveite as pequenas coisas, pois um dia você pode olhar para trás e descobrir que elas eram as grandes coisas. A melhor porção da sua vida será composta dos pequenos momentos que você passa sorrindo junto de alguém importante pra você, de situações simples do dia a dia, a rotina da casa, por exemplo. Nesse convívio, muitas fagulhas de problemas podem ser apagadas.

Para quem não conversa em casa, não pergunta os anseios do outro, não aprende a ouvir, de nada adiantará fazer caridade fora.

Enquanto aqueles que moram com você não receberem o seu amor, espalhar amor do lado de fora não suprirá sua missão.

Comece a perceber que, muitas vezes, as pessoas a sua volta só querem alguém para ouvi-las, sem necessidade de conselhos, querem apenas um ouvido amigo.

Em relação aos seus problemas, não se preocupe tanto, você só irá realizar seus sonhos quando assumir a responsabilidade pela própria vida.

Você tem tudo de que precisa para seguir. Enquanto culpar os outros pelo que está passando, negará a sua responsabilidade, ou seja, dará aos outros o poder de invadir e de decidir sua vida.

Será que as pessoas sonhariam seus sonhos com tanta intensidade quanto você?

Então, doe seu amor, mas ame, em primeiro lugar, a si mesmo, intensamente.

Irá perceber que viajar para dentro de si mesmo é melhor do que mergulhar no mundo externo do entretenimento.

Não sei se já percebeu, mas o mundo real não recompensa o perfeccionismo, ele recompensa as pessoas que conseguem fazer o que precisa ser feito. Não se cobre tanto, não se viole a ponto de achar que não é importante, a ponto de pensar que Deus é capaz de castigar um filho ou uma filha.

Deus é justo.

Deus é correto.

Deus é sábio.

Deus é lógico.

Deus não é vingativo.

É preciso se perceber. Você já se percebeu?

Eu me expesso com as palavras, outras pessoas se expressam com a arte; outros, com o corpo; outros cozinhando; outros, com a moda; alguns, com o silêncio. Não importa. O mais importante é perceber-se para si mesmo, vendo que não se pode interromper a valiosa oportunidade de evoluir, a oportunidade de estar em um corpo que nos leva e nos eleva. Claro, não podemos conceber o corpo como uma prisão, e sim como mais uma oportunidade de evolução, porque, a partir das condições, atitudes e do trabalho contínuo nesse trajeto, nós melhoramos sempre.

A maneira mais leve de ver e encarar a vida é como um treinamento.

Observe: quem está treinando permite-se errar, mudar, aprender, mudar novamente, cair e levantar, tropeçar e levantar em busca da melhora, do aperfeiçoamento. Esse é o sentido de um treinamento.

Por que se cobrar tanto, se está em treinamento?

Por que cobrar tanto dos que moram com você, se nem sequer lhes dá atenção?

Não são os seus problemas que definem você, mas como você reage e se recupera deles.

Torço para que cada um de nós permita ser consciente que é tudo e nada ao mesmo tempo, basta, para isso, despertar.

Nesse despertar para a vida em treinamento, a fagulha do fogo da consciência brotará dentro de você!

## **C A R T A 1 2**

### **V O A R, V O A R, S U B I R, S U B I R**

“No trabalho o mundo inteiro avança,

Sustentando a nossa alegria.

Junto com o nosso pão de cada dia,

Faz a renovação de nossa esperança.

Pelo trabalho, o homem conquista segurança, o amor, a paz e a luz e se eleva aos dons supremos.

Por isso, irmãos, trabalhemos no bem, trabalhemos, para merecer a vivência com Jesus.”

### **MARIA DOLORES, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER**

**A VIDA NOS ENSINA O TEMPO TODO.** Sim, me refiro à vida na Terra.

Tive uma vida linda e muito bem construída, aprendi a ter paciência desde muito jovem, e não sofria tanto com a ansiedade. Quando um desafio me aparecia, eu respirava fundo, enchia meu peito de ar e pensava: “Meu Deus, me ilumine de consciência”.

Ele sempre me encheu de consciência.

Eu pedia consciência porque consciente eu conseguiria tomar sempre as atitudes corretas. Mesmo quando não as tomei, a paciência e a consciência me ajudaram a superar e a aprender com o que a vida estava me ensinando naquele instante.

São tantos desafios, são tantos percalços, que muitas vezes a vida parece uma corrida daquelas em que temos que ir pulando uma série de obstáculos.

A minha não foi diferente.

Eu fui piloto de avião. Cortei o céu azul e límpido quase todos os dias com meu avião, meu pequeno avião. Para os outros ele era pequeno, mas para mim era o maior de todos.

Quando estava em decolagem, eu olhava a cidade...

Como tudo fica tão pequeno e as pessoas parecem formiguinhas andando de um lado para outro. Lá de cima eu ficava pensando: “cada uma dessas pessoas é uma história de vida, com seus sonhos, com suas dificuldades, com seus anseios e amores...”.

Olhando de cima e observando a natureza, eu ficava pensando em como somos pequenos diante da grandiosidade do mundo. E que muitas pessoas se acham tanto e não percebem que não podem ser comparadas à magnitude de tudo o que há no mundo.

Eu sempre me perguntava por que no mundo existem pessoas tão ruins, negativas, que, na maioria das vezes, torcem umas contra as outras.

Minhas viagens sempre foram tranquilas. Antes de decolar eu fazia minha oração e pedia proteção a Deus e ao Mestre Jesus para que mais uma vez eu decolasse e pousasse em segurança e para que o voo fosse tão leve como o de uma águia que paira no ar.

Era meu trabalho. Com Sol ou durante a noite, eu precisava seguir. Em dias de chuva sentia um pouco de medo. Afinal, eu pensava muito nos meus filhos, e nunca queria deixá-los. Graças a Deus, hoje posso ver que os

encaminhei corretamente e são homens de bem, honestos e amorosos com as pessoas. Para mim, educação sempre foi prioridade.

Entre tantas viagens que fiz, entre tantas decolagens nos mais de 36 anos de profissão, tem uma de que jamais esqueço.

Era muito cedo e, como eu fazia sempre logo que chegava ao hangar, retirei as correntes daqueles portões enormes e fui direto na direção do meu aviãozinho. Era o menor daquele espaço, e quase sumia perto dos outros aviões, potentes, modernos e muito caros.

Sempre sonhei com um avião moderno e dinâmico, mas o meu era o que eu podia ter naquele momento. Eu estava sempre trabalhando para conseguir algo melhor, mas, por hora, era o que eu tinha, e o valorizava muito.

Com esse avião fiz grandes voos, e nunca me deixava abater por uma ou outra piada de meus colegas.

No céu onde eles voavam eu também voava.

Assim eu pensava quando vinham as gargalhadas sobre meu velho avião.

Nunca me deixei abater, porque eu sei que estou caminhando, e a minha caminhada é única, ninguém é como eu, e, por isso, eu não podia me comparar com os outros pilotos. Eles não conheciam a minha história e, se conhecessem, iriam me aplaudir em vez de rir de mim e de meu avião.

Eu conheço a minha história, então eu me aplaudo.

Foi em uma daquelas manhãs que me aconteceu algo surpreendente.

Fiz toda a revisão da aeronave, tanto por fora quando por dentro, e estava tudo pronto para mais um dia de trabalho. Abasteci e aguardei liberação da pista para decolar.

Liberação concedida, acelerei e, com a certeza que o céu era o limite e decolei.

Bastou o avião começar a subir para um barulho muito estranho vir debaixo da minha poltrona, um pouco para trás de mim. O que poderia ser, se eu havia feito toda a vistoria necessária?

Olhei meio rápido, porque eu não poderia largar a alavanca de comando nem me distrair nos pedais. Para minha surpresa, um rato estava roendo uma das conexões mais importantes da aeronave.

Pensei rápido.

Eu tinha duas escolhas: voltar e matar o bichinho ou voar mais alto.

Decidi voar mais alto.

O ratinho continuava roendo velozmente, então avancei e comecei a subir mais.

Lembrei por um instante que alguns animais pequenos não aguentam certas altitudes.

Quanto mais alto eu voava, menos barulho eu ouvia. Quanto mais subia, mais o rato perdia suas forças. Voei ainda mais alto, até não ouvir barulho nenhum...

Fiz um dos voos mais bonitos da minha vida.

Naquele dia, aprendi mais uma lição. Percebi que em muitos momentos é preciso voar mais alto. No voo da vida não se deve voltar atrás. Não se pode regredir.

Voar, voar, subir, subir...

Sempre para frente, sempre para cima. Era a vida me ensinando mais uma de suas lições...

V I C T O R

**P A R A P E N S A R**

E existe uma frase de Aristóteles que diz assim “Somos o que repetidamente fazemos. A excelência, portanto, não é um feito, mas um hábito”.

O hábito de fazer o certo, o hábito de querer crescer, o hábito de falar e pensar coisas boas e leves, o hábito de fazer uma prece e estar sempre conectado ao mundo espiritual.

O hábito não é novidade, você e eu temos hábitos, e, quando não cumprimos algum, é incrível como parece faltar algo.

O hábito de dormir sempre do mesmo lado da cama, o hábito de pentear os cabelos, de tomar o café antes de sair de casa, de tomar leite antes de dormir, enfim, há milhares de hábitos que as pessoas podem adotar.

Existem quatro etapas importantes a serem estudadas sobre os hábitos: a primeira é o **conhecimento**, que é a parte teórica, ou seja, o que fazer, aonde quero chegar e o motivo.

A segunda é a **capacidade**. Diz respeito a “como fazer”.

A terceira é a **vontade**, a verdadeira motivação, o desejo de fazer.

Se você já tiver o conhecimento, falta pôr em prática (planejar e executar) a capacidade. Para isso, precisa existir dentro de você o forte desejo de fazer.

Falta agora o quarto hábito: “**não desistir**”.

Não desista na primeira dificuldade. Insista, persista. Não perca a fé no momento de dificuldade. É nessa hora que você mais precisa voar mais alto.

Não desistir tem de ser um hábito.

Os hábitos podem ser aprendidos e desaprendidos. Aprendemos vários hábitos com nossos pais, depois os levamos para a vida adulta, para dentro dos relacionamentos, e, quando menos se percebe, esses hábitos estão sendo ensinados para os filhos. Um verdadeiro carrossel de hábitos. Do mesmo jeito

que são aprendidos, quando queremos, muitos podem ser desaprendidos. Isso não é fácil, mas não se esqueça do terceiro item: a vontade de fazer.

Se estiver difícil, apegue-se ao quarto item: não desistir!

As pessoas que conhecem a história da famosa viagem do Apolo-11 à Lua vão lembrar o quanto as pessoas ficaram impressionadas quando o primeiro homem pisou na superfície lunar e depois retornou à Terra. Essa parte da história é muito famosa.

Analisando o trabalho dos astronautas, podemos aprender um pouco mais. Para atingir seus objetivos, eles precisaram romper literalmente com a força da gravidade que envolve a Terra. Não sei se você sabe, mas se gasta muito mais energia nos primeiros minutos da subida, durante a decolagem e os primeiros quilômetros da gigante viagem em direção à Lua.

O início de uma mudança em nossas vidas acontece dessa mesma forma.

É como se estivéssemos rompendo a gravidade, mas depois tudo fica mais leve.

Claro que estou criando uma metáfora. Não significa que você precisa ser um astronauta, nem um piloto de avião, como o personagem que escreveu a carta, mas é preciso perceber que no voo de sua vida é preciso voar mais alto.

No início pode ser difícil. Depois da decolagem pode surgir algum imprevisto. O medo pode até sugerir que você volte.

Não volte.

Você já decolou. Já rompeu sua atmosfera da acomodação, da inércia.

Os hábitos, da mesma forma, possuem uma força de gravidade muito forte, muito maior do que a maioria das pessoas assume.

A “decolagem”, a saída de velhos hábitos em nós mesmos, demanda um esforço tremendo, mas, assim que superamos a força da gravidade, a

liberdade assume um novo sentido. Bonito pensar que um novo sentido em nossa caminhada nos dá liberdade...

A força da gravidade de certos hábitos pode nos impedir de ir aonde desejamos chegar. Porém, como toda energia e atitude, o hábito também possui sua força natural e pode trabalhar contra nós ou a nosso favor.

“Mas são pequenas coisas”, “é só isso que farei hoje...”, “ninguém está vendo...”. Essas frases são muito comuns no cotidiano de pessoas que constroem suas vidas pensando só nos grandes atos, nas grandes realizações.

A história da sua vida já te prova que são os pequenos atos que garantem os grandes. Não se pode pensar pequeno enquanto Deus é grande.

Você está em um grande projeto chamado “faça você mesmo”, e quando alguém disser “não”, tentar roer sua conexão do otimismo, voe mais alto.

Suba o quanto puder. Lembre-se: gente pessimista, invejosa, que gosta de atrapalhar, não aguenta grandes altitudes.

Voe cada vez mais alto!

## **C A R T A 1 3**

### **N O S S O D E S T I N O É A E T E R N I D A D E**

“Ajudemo-nos uns aos outros e Jesus nos ajudará.

A grande ciência que conquista a palma da vitória pode ser resumida em duas palavras: não desanimar. (...)

Cada coração é arquiteto da felicidade ou da infelicidade que vive a sentir.

Devemos criar flores onde as pedras se amontoam. (...) Nosso destino é a Eternidade.

A permanência na Terra, diante dela, é um minuto de sonho.”

## MEIMEI, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

EU SEMPRE TIVE MUITO MEDO de morrer. Desde pequeno. Quando minha mãe falava que havia morrido um parente ou amigo e que precisaríamos ir ao velório, eu já começava a chorar.

Achava que era o fim de tudo.

Era tão apegado às coisas materiais que não conseguia imaginar partir e deixar tudo o que tinha para os outros usarem.

Nunca emprestei nada.

Meu carro?

Meu carro estava sempre brilhando, e eu jamais o emprestava. Aliás, eu nem levava ninguém comigo, só pra curtir. Andava de janela aberta; afinal, se eu não abrisse, ninguém iria ver quem estava dirigindo aquele lindo carro.

Sempre tive perto de mim muita gente. Eu achava que ‘abafava’, que eram amigos e que estava arrasando corações. Sempre dei muitas festas, meu apartamento vivia lotado e, em algumas noites, tinha gente que eu nunca havia visto. Mesmo assim, dava alguns tapinhas nas costas, chamava de amigo, e ficava tudo bem.

Percebi, aqui de onde estou, que todos que estavam à minha volta gostavam do que eu tinha, e não de quem eu era. Quando saí do corpo físico, esqueceram-me rapidamente, e as brigas, as disputas pelo que eu tinha se tornaram maiores que a saudade que achei que sentiriam.

Como me enganei.

Foram festas e mais festas, e todo mundo comendo e bebendo com o meu dinheiro. Eu tive uma vida vazia, de ilusões e enganos. Até o meu amor era falso. Credo. Como me enganei por todos esses anos.

De tudo o que passei, uma cena não sai da minha cabeça.

Um dia, eu estava em um semáforo de uma avenida muito famosa na cidade de São Paulo, e uma mendiga veio até mim, uma mulher muito suja e com roupas completamente velhas e rasgadas. No início já fui fechando o vidro na cara dela, mas uma frase me fez parar:

– Ei, Cicero, não feche o vidro, não quero pedir nada. Tenho apenas um recado.

Recado? Como uma mendiga teria um recado para mim? Como ela poderia saber meu nome? Como teve a coragem de olhar nos meus olhos como nunca ninguém olhou?...

Enquanto essas perguntas giravam em minha mente, ela continuou falando.

– Tenho um recado muito importante, ouça com atenção e carregue em sua consciência: “Meu filho, a morte não é o fim, é um estágio, uma passagem, um momento, um fenômeno. A morte é apenas mais uma etapa da vida”.

O farol abriu, e os carros atrás de mim começaram a buzinar. Eu não sabia o que dizer. Como se piscando os olhos, aquela mulher com roupas rasgadas e sujas, com ar de abandonada, já não estava mais ali. Olhei para o cruzamento da avenida e não a encontrei mais...

Continuei meu trajeto, estava voltando para casa, e havia um grupo de amigos a me esperar, como sempre, para bebermos e comemorarmos. Essa era minha vida: uma constante comemoração.

Acho que eu gostava de comemorar o vazio. Só pode ser isso. Hoje vejo o quanto minha vida foi vazia.

Naquela noite eu não ri como costumava, nem bebi ou comi, como fazia sempre...

Ninguém entre os que estavam ali preenchendo todos os espaços do meu apartamento notara que eu não estava bem, muito menos que não havia comido nada. Eles sim, se empanturraram de tudo o que podiam. Afinal, era de graça aquela festa, tudo nas costas aqui desse bobo, dono de um patrimônio de ilusões.

Fui para meu quarto e nem lembro o nome de quem se deitou comigo.

Eu usava as pessoas, e elas usavam o que eu tinha.

No meio da madrugada, comecei a ter uma febre absurda e acordei assustado. Eu suava frio, e meu lençol estava molhando. Chamei quem estava do meu lado, mas, de tão bêbada, mal resmungou e se virou pra dormir mais...

Caminhei segurando-me na parede e cheguei à sala para ver se conseguia ajuda.

Dois amigos dormiam no sofá. Chamei, gritei, e ninguém me ajudou.

Não acordavam, estavam bêbados demais para ouvir alguma coisa.

Senti uma forte dor no peito, e corri até a cozinha para ver se achava um remédio. Os empregados já haviam ido embora, era alta madrugada...

Minha vista escureceu. Tentei me segurar na pia, mas caí violentamente no chão da cozinha, agonizando. Senti minha garganta se fechando, e não conseguia respirar...

Por um instante, tudo se apagou.

Eu temia tanto a morte, e hoje vejo que continuo vivo. Sem ilusões, sem gente ao meu lado querendo o que tenho. Fui recebido no mundo espiritual pelo que eu sou, e não pelo que tinha.

No início fiquei em um lugar muito ruim, com pessoas muito feias, e acho que estavam em tratamento. Eram parecidas comigo, não me lembro bem. Quando retomei mesmo a consciência de quem eu era, já estava em um lugar muito melhor, mais claro, com mais luz. O que aquela mulher me falou no farol era a mais pura verdade:

“A morte não é o fim, é um estágio, uma passagem, um momento, um fenômeno. A morte é apenas mais uma etapa da vida”.

Nisto erramos, em ver a morte como um acontecimento futuro, enquanto grande parte dela já ficou para trás. Cada hora do nosso passado pertence à morte.

O homem vive preocupado em viver muito, e não em viver bem, quando na realidade não depende dele o viver muito, mas sim o viver bem... Eu achava que vivia bem, e agora vejo que não.

Tudo o que eu tinha ficou para trás, carreguei comigo o que tinha dentro de mim. Aqui não importa o que tínhamos, importa o que somos.

E encontrei no mundo espiritual meu amor eterno. Alguém que sempre me aconselhou, e eu sempre a tratei mal. Quando nos reencontramos, depois de um longo abraço, a primeira coisa que ela me disse foi:

– Meu filho tão amado, era eu naquele farol. Mostrei-me a você como uma mendiga para provar que Deus fala conosco o tempo todo, e das mais variadas formas. O preconceito e a falta de amor fazem com que as pessoas vivam assim: achando-se donas do mundo. Perceba que agora não importa

nada o que você tinha, o que verdadeiramente conta é quem você foi. Eu te amo.

Abracei-a longamente e olhei de uma maneira muito demorada os olhos de minha mãe. Não ficaremos muito tempo juntos, porque ela está se preparando para retornar. Sei que terei novamente essa chance e quero continuar minha vida eterna buscando reparar os erros do passado com as realizações do meu futuro. Para isso, estou estudando muito, ficando comigo, curtindo minha presença, minha consciência, e sei que Deus, em sua infinita bondade, irá permitir meu regresso.

C ÍCERO

## **P A R A P E N S A R**

N ão acredite em promessas. Espere as coisas realmente acontecerem para você ficar alegre. O mais importante é não ter ilusões. A ilusão é perigosa, nos deixa com os olhos escuros para o real. A vida e o que você tem agora são o real.

Todo o resto já passou ou não passa de um monte de possibilidades, e elas não são necessariamente como você planeja.

Como é comum as pessoas carregarem amigos que não são verdadeiros só para se sentirem amadas, queridas, prestigiadas. Para mostrar aos demais o quanto se é querido.

Tem gente que faz isso desde criança. Distribui balas e doces aos outros, no intervalo, para comprar amizades. Empréstimo brinquedos para o outro com a condição de que seja seu amigo.

Essas cenas se repetem facilmente no dia a dia das crianças. Quando adultos, alguns continuam a fazer o mesmo, só os brinquedos é que mudam: festas, carros, bebidas, dinheiro, conforto, privilégios, poder... Tantas coisas que atraem os olhares dos que buscam satisfazer seus prazeres. Sofrem os dois lados, se enganam mutuamente.

Alguns, pelo prazer instantâneo e por usufruir o que é do outro. Pela amizade fácil, são aqueles que sempre concordam com a gente, até mesmo quando estamos errados.

Desconfie de quem concorda em tudo com você. Quem ama verdadeiramente se preocupa, puxa orelha, dá sua opinião, pois sabe que seu amor é muito maior que qualquer melindre. Quem ama quer ver o outro sempre melhor.

Quem concorda sempre com tudo talvez não ame verdadeiramente ou reprime o que pensa.

Ouçá a opinião de quem está convivendo com você, de quem de fato o ama. Pense sobre o assunto e veja o que realmente diz respeito a você.

Comece a perceber o que você gosta nos outros e diga a eles. Apreciar o quão incríveis são as pessoas ao seu redor te proporciona ânimo, sensação de gratificação. Elogie mais e aponte menos defeitos.

Fique feliz por aqueles que estão progredindo. Torça pelas suas conquistas sempre. O que você deseja de bom ao outro vai, mais cedo ou mais tarde,

voltar para você, essa energia boa.

Logo as pessoas que verdadeiramente gostam de você, que aproveitam suas palavras e o seu amor, estarão torcendo por você, mesmo nos momentos mais difíceis.

Quando não tiver nada de material para ofertar, ofereça a si mesmo, sua amizade, seu carinho, seu amor. Quem estiver em busca disso ficará sempre por perto.

Aqueles que sumirem estavam apenas em busca do que você tinha, e não de quem você é.

E quando ninguém estiver por perto e sentir solidão, não se esqueça de que solidão se cura com amor próprio, e não com amor do outro.

Ame estar consigo.

Algumas pessoas sofrem em imaginar que estão sozinhas. Simplesmente não suportam ficar com elas mesmas.

É impressionante como não sabem o que fazer quando estão sozinhas, e um vazio toma conta de seus momentos. Busca-se imediatamente uma televisão, um celular com internet, e a fuga do instante atual vira um carrossel de entretenimento. Entreter o quê? Agradar os outros em nome do quê? Para quem?

Não se iluda. Se a sua estrutura está sólida, nada te abala.

Sua própria companhia é maravilhosa, porque todas as outras são temporárias. Somente a sua companhia é eterna, só ela permanece com você.

Fique consigo mesmo um pouco mais e longe de todo o barulho do mundo.

Pense nisso.

Cuide mais de si mesmo, e não só das suas coisas.

Ame-se mais.

## C A R T A 1 4

### O QUE MAIS VALE É O VALOR QUE DAMOS

“Se você já sabe quão precioso é o valor do tempo, respeite o tempo dos outros, para que as suas horas sejam respeitadas.

Recorde-se de que se você tem compromissos e obrigações com base no tempo, acontece o mesmo com as outras pessoas.

Ninguém evolui, nem prospera, nem melhora e nem se educa, enquanto não aprende a empregar o tempo com o devido proveito.”

ANDRÉ LUIZ, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

MAMÃE E PAPAI, quando eu precisei ir bem cedinho, como você dizem aí, não foi porque Deus estava castigando vocês. Deus tinha me dado só um tempinho para ficar na Terra, mas era um tempinho pequeno mesmo.

Eram desses momentos que eu precisava, porque o amor que vocês me deram curou todas as minhas feridas abertas das outras existências que passamos juntos, mas Deus me chamou de volta.

Já era hora de retornar.

Eu sabia que ia ficar pouquinho, mas foi tão bom.

Quando me lembro, mamãe, da senhora me embrulhando naquele cobertorzinho amarelo e me balançando no colo, me dá um apertinho aqui no peito, porque sinto saudade, e saudade é o amor que fica dentro da gente.

Quando me balançava, eu fechava ainda mais os olhos, só pra ouvir seu coração.

O coração bate forte quando a gente ama, e o amor é essa batidinha que às vezes acelera ou fica devagarzinho. Quando eu voltei para cá, seu coração bateu bem devagar com dor, não é, mãe?

O amor é um sentimento muito lindo, porque, quando a gente gosta muito mesmo de alguém e nos lembramos dessa pessoa, fechamos até os olhos para sentir bem gostoso e maior aqui dentro do peito. O amor, mesmo no frio, deixa a gente quentinho por dentro e se reflete por fora, no brilho dos nossos olhos.

Mamãe, quando seu coração está com uma batidinha forte de amor, só coisas boas acontecem. Não é mesmo? Parece que a vida vai para frente mais leve, e todo mundo que fala coisas ruins não atrapalha, porque a gente se apega ao que tem de bom dentro do peito.

Papai, o senhor precisa ter mais paciência com a mamãe, precisa saber esperar. Seu coração bate também, mas cada coração bate de uma maneira.

Uns, amando, batem por mais tempo; outros amam e batem menos, mas para cada pessoa o amor é único, e não se pode medi-lo.

Quanto mais paciência, mais o amor cresce. Amor é quando alguém te magoa, e, mesmo muito magoado, você não faz o mesmo, porque sabe que isso vai ferir seu peito.

Ninguém erra porque quer, a gente erra porque está tentando fazer o certo, mas ainda não sabemos fazer o certo, e, tentando, as coisas vão

melhorando, e a melhor maneira vai aparecendo. É só acreditar.

Não adianta, meus paizinhos amados, tentar um aprender pelo outro, porque cada um de nós é responsável pela batidinhas do próprio coração.

Essas batidinhas nem sempre são só de alegria, de festa, de correr na escola, de achar amigo que gosta de brincar da mesma coisa. Às vezes, a gente também encontra algo que faz nossas batidas enfraquecerem.

Tem dias que a gente gosta mais dos brinquedos dos outros, e até achamos que eles são mais legais que os nossos, e nessa hora a gente acha que precisa deles para ser feliz.

Não é isso que vale.

O que mais vale é o valor que damos aos nossos brinquedos, porque não importa o brinquedo que temos, o mais importante é a brincadeira que inventamos com eles, e isso nos faz bem.

Mamãe, quando eu estava na escolinha e via seu rosto no portão, me esperando, era só disso que eu não sentia medo. Meu coração batia mais fortinho, e eu entrava na sala da tia sabendo que você voltaria mais tarde.

Também tenho saudade da Tyara, nossa cachorrinha, ela sempre balançava o rabinho quando a gente chegava, e quando ela balançava estava dizendo que também nos amava. Os animais também têm batidinhas do peito.

Eles gostam de nós. Ela sempre lambia meu rosto, mesmo a gente tendo deixado ela sozinha o dia inteiro.

Eu estou muito bem aqui, e vocês podem agora destinar esse amor para tantas outras crianças que precisam dele. Há muitas esperando por pais novos. E muitas delas e seus corações estão esperando por outras batidas, e assim poderão viver felizes, por possuir o amor.

Dentro da gente há um mundo maravilhoso onde só o amor vale a pena.

Não importa a forma, o importante é senti-lo, e isso faz tão bem.

MIGUELZINHO, CINCO ANOS.

## **P A R A P E N S A R**

Contou, certa vez, Leo Buscaglia, grande escritor e pedagogo, que ele foi convidado para ser jurado em um concurso. O objetivo era encontrar a criança mais cuidadosa. O vencedor foi um menino de quatro anos, cujo vizinho era um senhor que havia perdido recentemente a sua esposa.

Depois de ter visto o senhor chorando, o menino foi até seu quintal, subiu em seu colo e sentou-se...

Quando a mãe lhe perguntou o que havia dito ao vizinho, o menino respondeu:

“Nada, só o ajudei a chorar...”.

A simplicidade das crianças nos ensina em abundância. São objetivas e verdadeiras. Não conhecem ainda certas mazelas como a falsidade, a necessidade de agradar. Brincam espontaneamente, sem se preocupar com a hora de comer ou tomar banho.

Perceba o quanto uma criança é otimista.

Não consigo ver uma criança dizendo “não, pai, não vamos à praia porque está chovendo”. Ela sempre dirá “Pai, vamos sim, nem está tão frio assim...”, mesmo estando batendo o queixo por causa da friagem.

A força de vontade de uma criança é algo admirável. Como conseguem nos ensinar com simplicidade.

Jesus mesmo afirmou, quando vinham lhe trazendo algumas crianças, e os discípulos impediram, com receio de que isso pudesse perturbá-lo:

“Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas.” (Marcos 11: 13-14) Crianças são positivas.

Comece, também, a olhar para o lado positivo sempre que estiver em alguma situação difícil.

Quando tudo está difícil, e você se sente para baixo, fica muito pior e

mais complicado resolver. Olhar para a dificuldade nem sempre é a melhor maneira de resolvê-la.

Olhar para frente sempre, com amor e paciência, fará brotar pequenos sinais de esperança.

Os tempos difíceis só irão fazer de você alguém mais forte. Durante as suas vitórias e bênçãos, permaneça consciente, sem se esquecer de como chegou até elas.

Tudo na vida segue um fluxo natural.

O que é natural nem sempre é o ideal dentro de nós.

Quando a vida nos surpreende com um choque que não esperávamos, o primeiro momento tende a ser de revolta. Questionamos muito a Deus: “Por quê?”. Nem sempre as coisas acontecem como planejamos, mas elas fluem e seguem seu ritmo mesmo que tentemos impedir.

É como o mar que avança. Ele cobre e leva consigo um pouco de areia, mas, quando a maré baixa, é possível ver a praia novamente. Ela está ali, sempre esteve, mas, diante de uma maré alta, por alguns momentos até a esquecemos.

Não se culpe pelo que acontece. Não há nada errado com você, desde que siga adiante buscando sempre melhorar.

A perda repentina de uma pessoa amada, ainda mais sendo criança, causa dor e sofrimento, mas cada um de nós tem um tempo nesse plano, e seguir adiante faz parte da vida. Morrer é só mais um dos processos da vida.

A vida segue, a saudade fica, mas é preciso continuar. O coração, como descreve Miguelzinho, continuará a bater. De uma maneira mais dolorida, mas continuará. Nossos corações estão cheios de amor para dar, e esse amor pode ser destinado a tantas pessoas que precisam dele, a tantas obras que necessitam de trabalho amigo.

Já pensou em transformar seu sofrimento em benefício para o próximo?

Suas dores serão transformadas em amor e serão espalhadas pelo mundo de tal maneira que sua dor não passará de saudade gostosa, somente isso.

## **C A R T A 1 5**

### **E U SENTI TUDO MUDAR**

“A usina é um centro gigantesco de força, mas é a lâmpada que dosa em casa a luz de que carecemos.

Meditemos na importância da vida, em qualquer setor, e trabalhemos.

Realmente não somos indispensáveis, porque a providência Divina não pode falir quando falhamos transitoriamente, mas, em verdade, segundo a Sabedoria do Universo, Deus não nos criaria, se não tivesse necessidade de nós.”

## ANDRÉ LUIZ, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER

EU SEMPRE GOSTEI DE AJUDAR meus pais. Trabalhávamos muito, muito mesmo. Meu pai trabalhava no arado. Ele juntava dois bois e colocava o jugo no pescoço deles. Com a ponta do arado, cavava a terra, preparando-a para uma boa plantação. Quando os bois não puxavam direito a terra, meu pai cutucava-os com uma vara comprida para fazê-los ir para frente, arrastando o arado. Era assim o dia todo. Nós não tínhamos preguiça.

Minha mãe e outras mulheres, vizinhas, trabalhavam muito também.

Elas ficavam responsáveis por lavar as roupas, cuidar da casa, costurar nossas roupas e moer o trigo. Elas usavam uma pedra chata para acomodar o trigo e, com outra pedra, o amassavam, para depois poder misturar com água, sal, fermento e fazer a massa dos nossos pães.

Morávamos perto de Cafarnaum.

Em nosso quintal tínhamos também algumas videiras. As uvas eram docinhas, e dava para fazer muito suco. No tempo da colheita minha mãe separava uma boa parte delas e as colocava para secar. Ela dizia que o tempo não parava, e logo não teríamos mais uvas. Secando-as, poderíamos comê-las mais para frente, quando não houvesse mais uvas nas videiras. Era preciso cuidar do futuro também. Ela fazia o mesmo com os figos.

Eu procurava ajudar todo mundo. Sempre fui magrinho e muito ágil.

Quase todas as tardes, era eu quem ia buscar perto dos montes as nossas ovelhas. Nossa família possuía algumas cabras. Delas tirávamos o leite, que ajudava também no sustento da casa.

No final da tarde, tínhamos o costume de sentar em cima da casa. Nossa casa tinha uma escada lateral, e já era costume subirmos. Nesse período o tempo ficava mais fresco, e podíamos ouvir as histórias que meu pai contava.

Em um desses finais de tarde, enquanto eu ouvia meu pai falar, senti minha mão coçar muito. Muito forte. Pensei que fosse por causa de algum bicho que havia me picado, não sei. Cocei muito mesmo, até com um pedacinho de graveto que eu estava segurando.

Naquela noite mal consegui dormir sentindo dores na mão direita. No começo era apenas uma coceira, mas durante a noite a coceira deu espaço para uma dor muito ruim, que me incomodava.

Pela manhã embrulhei minha mão com um pedaço de tecido que havia sobrado das costuras de mamãe. Não queria que minha família visse o quanto aquilo estava ficando feio, nem que se preocupassem comigo.

Eles precisavam de mim, eu era o braço direito de todos eles, e justamente agora minha mão direita ficava ruim. Senti medo.

Tentei trabalhar, e mesmo com um Sol muito forte, eu não tirei aquele tecido que embrulhava minha mão, eu aguentava firme a dor e tentava cumprir com minhas tarefas.

No final da tarde, a terra já estava arada, precisávamos apenas semear as sementes, mas era trabalho para o outro dia. Parei e fui buscar as ovelhas e as cabras que estavam pastando.

No caminho me sentei um pouco. Já não aguentava a dor. Foi então que resolvi descobrir minha mão.

Fiquei em choque. Minha mão estava com uma ferida horrível. Eu tinha medo justamente daquilo.

“Como uma coceirinha tão rápida e boba poderia se transformar nessa ferida horrível? Será que eu estava com a peste? Eu não quero, não posso abandonar minha família, não posso ser banido para o vale dos leprosos.

Tenho muito medo de lá.”

Centenas de perguntas brotavam na minha mente.

Cobri novamente minha mão, recolhi os animais e, naquele fim de tarde, voltei mais rápido que todas as outras vezes.

Minha mãe nos chamou para jantar. Eu, para não ter de lavar as mãos e mostrar a eles o que estava por baixo, fui direto dormir. Disse que não queria comer.

Todos desconfiaram; afinal, havíamos trabalhado o dia todo e estávamos todos com muita fome.

Minha mãe insistiu. Disse para eu voltar e sentar em volta da mesa, que a hora da refeição era sagrada e que todos estavam ali também para agradecer a Deus, em oração, pelo dia, pelo alimento, pela família.

Quando viu minha mão embrulhada em um pano sujo de terra, de sangue, eu estava horrível, com olhar desesperado e com vontade de chorar, e ela insistiu que eu contasse a eles o que estava acontecendo.

Eu tive de contar.

Descobri minha mão e a estendi na direção deles...

Meu pai caiu no chão de joelhos chorando e perguntando a Deus por que a peste havia chegado a seu lar? Por que a enfermidade havia tomado conta de sua casa?

Naquela noite ninguém jantou, ninguém dormiu.

Só pensávamos em como me esconder. Porque, se algum vizinho desconfiasse... A lei era clara: quem estava leproso devia ser expulso do convívio da família, dos amigos, da cidade.

Quem estava assim, como eu, era banido da sociedade, precisava se retirar...

Durante a madrugada meu pai se lembrou de algo. Ele teve uma inspiração durante uma oração. Diante do desespero, Deus clareou sua mente.

Ele se lembrou de um homem, de um Mestre que fazia milagres. Nós éramos meio desconfiados, não acreditávamos muito no que as pessoas diziam sobre

Ele, mas era a única solução.

Precisávamos buscar ajuda.

Meu pai perguntou se eu aceitaria ir em busca desse homem de que tanto falavam nas redondezas. Explicou que teríamos de ir com muito cuidado, para que ninguém me visse com aquelas feridas nas mãos, porque aquilo poderia ser fatal para todos nós. Nossa família corria risco.

Claro, eu aceitei, já tinha ouvido maravilhas a respeito daquele homem.

Diziam que Ele era filho de Deus e que milagres aconteciam o tempo todo.

Saímos pela manhã muito cedo, antes de todo mundo. Na madrugada mesmo arrumamos nossas bolsas, guardamos água em vasilhas muito boas que tínhamos, feitas de couro de bode. Pegamos alguns pães, alguns peixes secos e uvas.

Começamos a caminhada que transformaria toda nossa vida.

Quando chegamos ao centro de Cafarnaum, a cidade estava praticamente deserta. Não havia ninguém nem para perguntarmos onde encontraríamos o

“homem que fazia milagres”. Também era perigoso perguntar para qualquer pessoa, se alguém desconfiasse da minha mão embrulhada em um tecido, poderia criar um escândalo, e eu teria de mostrar, e seríamos escorraçados da cidade antes mesmo de alcançar nossos objetivos.

Encontramos por entre as ruelas um cego encostado em um muro de barro. Ele parecia ser o único morador da cidade. Perguntamos onde estavam todos, e ele respondeu:

– Estão no Templo, em busca de uma nova vida.

Corremos imediatamente para lá, mal deixamos o homem responder. Eu precisava de ajuda, precisava ser curado do mal que assolava meu corpo.

Quando chegamos, mal conseguíamos entrar. Parecia que todas as pessoas do mundo tinham ido para aquele lugar. Impressionante a quantidade de

peças formando um grande tumulto porque queria ver aquele Homem Santo.

Fui me enfiando no meio daquelas pessoas cujo objetivo era um só: a cura.

Entre elas, fui me envolvendo, e eram tantos corpos doentes, eram tantas pessoas necessitadas em busca de alguma ajuda. Eu, como era muito magrinho, consegui entrar em meio a tantas pessoas, mas logo perdi meu pai de vista. Ele ficou bem para trás. Nada importava. Agora eu precisava ver, precisava falar com Ele, eu precisava ser curado pelo Filho de Deus.

Quase que rastejando entre as pernas das pessoas, consegui chegar a frente.

Quanto mais eu me aproximava, o silêncio aumentava. Já não se escutava a gritaria que estava lá fora. Um silêncio e uma paz tomavam conta do ambiente.

Quando meus olhos tocaram a imagem daquele homem, ainda de costas, foi como se minhas pernas enraizassem no chão. Eu não consegui me mover mais. Fiquei estático.

Ele estava olhando e falando em outra direção. Fechei os olhos por alguns instantes e deixei aquela voz invadir minha alma. Era como uma grande limpeza. Eu me sentia leve, o desespero que tomava conta de mim foi serenando.

Nunca havia visto nem sentido tamanha luz. Eu nunca havia me sentido daquela maneira.

Seus cabelos eram tão brilhantes. As roupas simples não tiravam o porte de rei, a postura do bem, nem a mansidão de quem espalhava o amor.

Aproximei-me um pouco mais.

Fui ousado, fiquei um pouco mais a frente e, quando Ele se virou e meus olhos cruzaram com os seus, eu não pensei em mais nada. Sem falar uma palavra ou conseguir mais me mexer, só pude estender minha mão doente em sua direção.

Eu sabia que não precisava falar com palavras. Ele já havia lido em meus olhos, entendera a aflição da minha alma, porque, mesmo estando mais calmo, o medo ainda tomava conta de mim.

Ele então se dirigiu até mim, veio caminhando serenamente. Todos olhavam atentamente minha mão e o caminhar de Jesus. Os olhos das pessoas, os pensamentos, os corações, tudo parecia estar no mesmo compasso.

Sim, era Jesus caminhando em minha direção. Seus olhos fixos e atentos em mim me fizeram esquecer completamente tudo o que eu estava passando.

Lembro-me de sua frase:

– Filho, você tem fé?

Com os olhos cheios de lágrimas, balancei a cabeça afirmando que sim e disse:

– Senhor, eu lhe peço. Ajude-me. Sei que o senhor tem o poder de me limpar. Sei que pode me tornar limpo.

Jesus então tocou em mim e disse:

– Quero que fique limpo. Você está curado de sua lepra.

Eu senti tudo mudar. Jesus tocou em mim. Jesus me tocou com seu amor, com seu poder, com sua grandiosidade.

“Um milagre!”

Ouvi os gritos daqueles que nos cercavam.

Logo uma onda de gritos tomou conta do lugar: “Um milagre! Um milagre!”.

Todos gritavam, e alguns choravam emocionados. Outros continuavam paralisados na emoção de ver Jesus.

Eu estava curado. Jesus tocou em mim e me transformou em um ser limpo.

Era Ele sim, o filho de Deus que descera a Terra para nos salvar, o

Clarão do Mundo, o Amor Personificado.

Jamais esquecerei aqueles olhos, aquela voz, aquele toque...

Foram apenas alguns minutos, mas que se perpetuaram não só em minha vida, mas em toda humanidade.

A BDON

## **P ARA PENSAR**

[A délia Prado tem uma frase da qual gosto muito. Diz assim: “Dor não tem nada a ver com amargura. Acho que tudo que acontece é feito para a gente aprender cada vez mais, é pra ensinar a gente a viver. Desdobrável. Cada dia mais rica de humanidade. ”.](#)

Centena de vezes, durante nossa caminhada, questionamos a Deus por nossos problemas, pelas dificuldades que passamos, pelas dores que sentimos. Muitas vezes, pensamos até que estamos sendo castigados ou que estamos resgatando algo de ruim do passado. Esquecemo-nos de uma lei universal sobre a livre escolha. Sobre a liberdade que nos permite arbitrar em nosso favor e mudar os rumos que não estão bem.

É preciso olhar e encarar a vida como um grande treinamento. É preciso observar o quanto estamos melhores e que tudo acontece no tempo certo. Não em nosso tempo certo, mas no tempo certo de Deus.

Como bem escreveu Adélia Prado “tudo acontece para a gente aprender cada vez mais”. Ver e entender a vida como natural, como uma gigante faculdade com as mais perfeitas matérias é olhar o mundo como aluno, e não como vítima.

Quem é vítima da sua própria existência não aprende, simplesmente porque sofre, espalha seus problemas em busca da compaixão do outro.

Quem encara a vida como aluno, aprende, evolui, melhora. Aluno busca, pesquisa, ouve, questiona...

Não posso entender nem aceitar que um Deus que cria maravilhas seja o mesmo Deus que pune, castiga, faz sofrer.

Na história de Abdon, que em hebraico significa “servo de Deus”, podemos perceber que ele busca a Jesus, ele vai atrás de sua cura. Ele não fica em casa reclamando de sua doença, amaldiçoando sua doença nem maltratando o que ou quem está a sua volta.

Ir atrás de Jesus não significa necessariamente ir a um templo, igreja, mosteiro, centro espírita, buscar a Jesus, significa você ter seu coração, sua alma conectada aos ensinamentos do Mestre.

Jesus continua a nos buscar. Ele nos espera com sua luz e bondade.

Jesus está interessado em curar os corações e os corpos feridos, e não em ferir mais ainda quem já está ferido.

Jesus nos ensina que Deus não castiga nem pune, mas que Deus é o Amor e que a fé e a obra são ferramentas essenciais na caminhada em nossa evolução.

A carta ensina que devemos buscar a Jesus e que Ele está interessado em nos atender.

Jesus continua a nos buscar, não pelas ruas de Israel ou Jerusalém, mas por meio de seus ensinamentos de Amor.

Se você tiver fé, buscar e agir, suas histórias serão escritas no caderno da alegria, serão tecidas em linhas de perseverança, com parágrafos de um otimista. As pontuações serão daquelas que podem esperar, mas sabem que seguirão sempre em frente. A história continua. Para cada término de parágrafo, outro logo se inicia em linha nova.

Cada etapa é topo.

Cada momento é divino.

Você é espetacular e tem dentro de si a força de quem sabe que vai vencer.

Ninguém foi feito para ficar para trás, para perder, simplesmente porque Deus te ama e te deu a história da sua vida em suas mãos, para que você, além de construir, seja um colaborador na evolução dessa obra terrestre.

Cada história que se entrelaça à nossa tem um objetivo. Não nos relacionamos para aprender a nos relacionar com o outro, mas com nós mesmos.

Ninguém, absolutamente ninguém, tem uma vida como a sua. De todas as vidas escritas nesse plano, a sua é inédita, e só você a vê por completo.

Os outros participam de etapas. Uns participam mais, outros menos, mas todos são temporários. Só você é eternamente consigo.

Não se preocupe se não está sendo amado do jeito que gostaria, ou se não está no emprego com que tanto sonhou ou na casa onde planejou morar.

A vida só quer de você uma coisa: que você siga em frente, que evolua e construa sua história no sucesso, na luz e na paz de quem sabe que está avançando.

Siga feliz na escrita da sua carta, de sua história. Caminhe na leveza de quem escreve o próprio caminhar, teça sempre os melhores passos dessa e de outras vidas, sempre no amor.

## **R E F E R Ê N C I A S D A S C I T A Ç Õ E S**

### **C A R T A 1**

Agenda de Luz . (Espíritos Diversos). Editora IDEAL, 1998.

### **C A R T A 2**

Ainda Hoje . (Espíritos Diversos). Editora IDE, 2013.

### **C A R T A 3**

Escada de Luz . (Espíritos Diversos). Editora CEU, 1999.

C A R T A 4

Vinha de Luz. Coleção Fonte Viva. FEB, 1951.

C A R T A 5

Caminhos . Editora CEU, 1981.

C A R T A 6

Cartas do Coração . (Espíritos Diversos). FEB, 1953.

C A R T A 7

Gotas de Luz . FEB, 1953.

C A R T A 8

Vinha de Luz. Coleção Fonte Viva. FEB,1951.

C A R T A 9

Perdão e Vida . (Espíritos Diversos). Editora CEU, 1999.

C A R T A 1 0

Perdão e Vida . (Espíritos Diversos). Editora CEU, 1999.

C A R T A 1 1

Sinal Verde . Petit Editora, 2004.

C A R T A 1 2

Cartas do Coração . (Espíritos Diversos). FEB, 1953.

C A R T A 1 3

Cartas do Coração (Espíritos Diversos). FEB, 1953.

C A R T A 1 4

Sinal Verde . Petit Editora, 2004.

C A R T A 1 5

Escada de Luz . (Espíritos Diversos). Editora CEU, 1999.

CONTATOS COM O AUTOR:

[www.williamsanches.com.br](http://www.williamsanches.com.br)

O QUE OS ESPÍRITOS TÊM A NOS ENSINAR COM SUAS EXPERIÊNCIAS?  
DO QUE ESSAS PESSOAS QUE VIVERAM AQUI SE ARREPENDEM?  
QUAIS SEUS MEDOS E ANSEIOS?  
O QUE LEVARAM DE BOM DE SUAS EXPERIÊNCIAS TERRENAS?

**W**illiam Sanches, com sua sensibilidade, nos mostra que os espíritos têm muito a nos transmitir sobre o que aprenderam neste plano e, principalmente, o que encontraram do outro lado da vida terrena.

Por meio das cartas do mundo espiritual - emocionantes narrativas - entendemos que deixar assuntos pendentes e questões mal resolvidas, atrasam o progresso espiritual daqueles que partiram e também prejudicam os que ainda se encontram na vida material.



**CARTAS DE UMA OUTRA VIDA** é uma obra para quem entende a vida como o bem mais precioso que Deus nos dá - uma oportunidade de reparar o passado -, rumo à evolução espiritual.

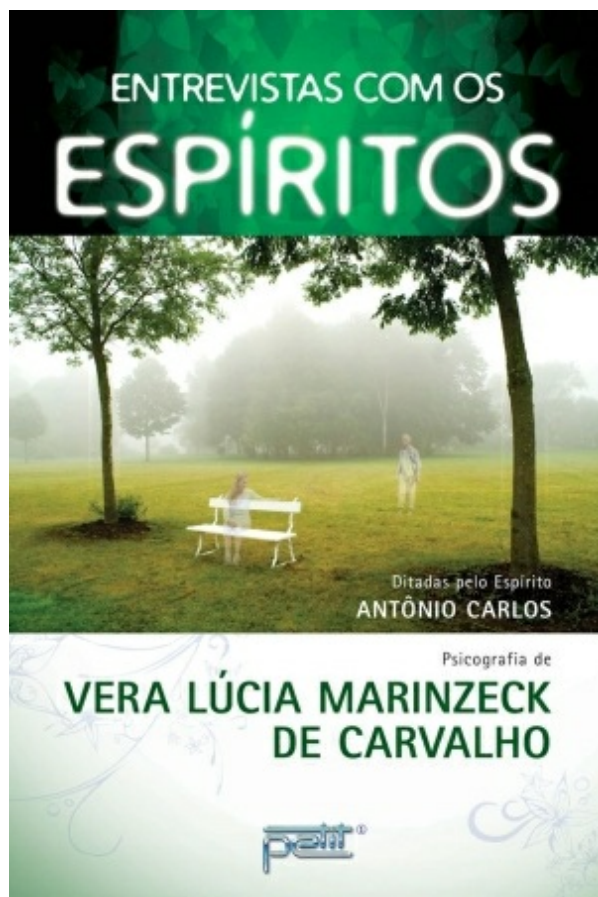


**petit**<sup>®</sup>  
editora



Porque ler vai mais além...  
[www.petit.com.br](http://www.petit.com.br) | [petit@petit.com.br](mailto:petit@petit.com.br)





Entrevistas com os espíritos

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de

9788572532792

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diretamente do outro lado da vida, Antônio Carlos entrevista os espíritos e deles obtém valiosas informações. Com a intenção de nos ajudar a entender a causa de nossas aflições e a viver melhor, entre os temas apresentados estão: Mal de Alzheimer, obsessão, violência e dependência química e o uso da

mediunidade.

[Compre agora e leia](#)



Violetas na janela

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de

9788572532150

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Patrícia desencarnou aos dezenove anos. No mundo dos espíritos, recorda que despertou tranquilamente no plano espiritual, sentindo-se entre amigos.

Feliz com a acolhida, adaptou-se à nova vida auxiliada por espíritos benfeitores que a receberam na Colônia São Sebastião. Em Violetas na

janela, Patrícia explica o que é a desencarnação. Descreve as belezas do plano espiritual, onde não faltam trabalho, estudo e diversão. No início, estava cheia de dúvidas... Do que se alimentaria? O que vestiria? Sentiria as mesmas necessidades? Enfrentaria o calor, o frio? Aos poucos, tudo se esclareceu ao conviver com outros jovens desencarnados. Conheça o outro lado da vida: entenda como devemos proceder diante da morte de um ente querido – o que fazer para superar a separação e confortar aquele que partiu. Patrícia exemplifica a lição, lembrando a inesquecível ajuda que recebeu de familiares espíritas.

[Compre agora e leia](#)



Vivendo no mundo dos espíritos

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de

9788572532396

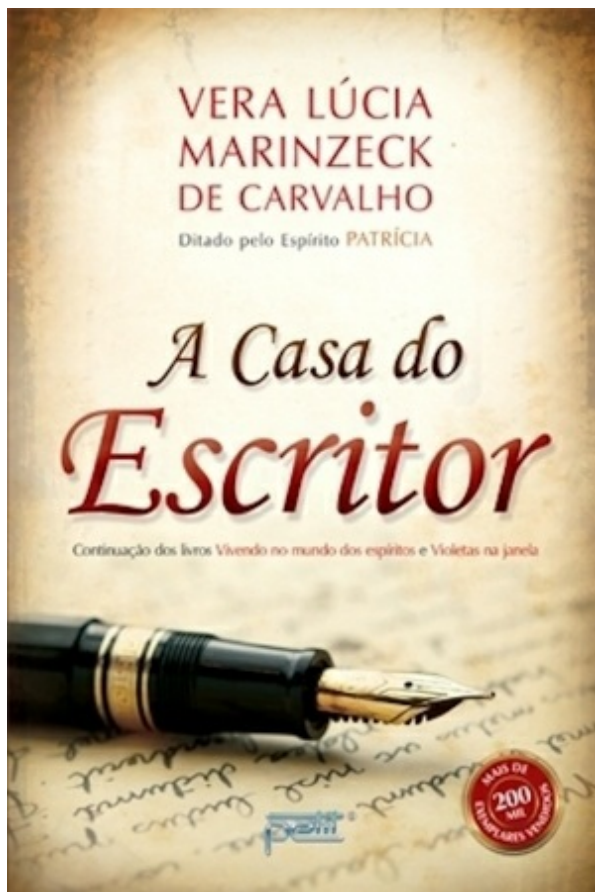
296 páginas

## [Compre agora e leia](#)

Vivendo no mundo dos espíritos é uma continuação do livro Violetas na janela. Neste livro, temos a oportunidade de conviver um pouco mais com Patrícia, sua autora, espírito simples, mas cheio de amor à vida. Amor este que se traduz em sua felicidade de ser uma manifestação do Criador. Patrícia narra, com a simplicidade que lhe é peculiar, seu caminhar no mundo dos

Espíritos. Fala com detalhes do estudo que fez para conhecer sua nova morada. Seu curso a levou, e nos levará, a conhecer e entender o umbral, as colônias, os postos de socorro, a reencarnação, a desencarnação, a Lei da Causa e Efeito etc. Sua narrativa prenderá o leitor do começo ao fim, enriquecendo-o de conhecimentos e o incentivando a seguir sempre em frente.

## [Compre agora e leia](#)



A casa do escritor

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de

9788572532372

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Patrícia nos apresenta um lugar especial: A Casa do Escritor. Ali estudam os espíritos que são preparados para serem médiuns ou escritores. Mostra-nos a influência dos espíritos sobre os escritores e toda a dedicação e o preparo necessário para que os textos ditados sejam mensagens que elevam a alma.

[Compre agora e leia](#)



Reconciliação

Carvalho, Vera Lúcia Marinzeck de

9788572532785

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Raul e sua mãe foram cruelmente assassinados por Manuel. Do outro lado da vida, recordando existências passadas, Raul sente-se na condição de espírito devedor e pede para reencarnar, e volta como filho de Manuel. Um dos mais apaixonantes relatos do Espírito Antônio Carlos, esta obra é uma sublime lição de espiritualidade.

[Compre agora e leia](#)

# Document Outline

- [Créditos](#)
- [Sumário](#)
- [Introdução](#)
- [Carta 1](#)
- [Carta 2](#)
- [Carta 3](#)
- [Carta 4](#)
- [Carta 5](#)
- [Carta 6](#)
- [Carta 7](#)
- [Carta 8](#)
- [Carta 9](#)
- [Carta 10](#)
- [Carta 11](#)
- [Carta 12](#)
- [Carta 13](#)
- [Carta 14](#)
- [Carta 15](#)
- [Referências das citações](#)

# Table of Contents

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[Carta 1](#)

[Carta 2](#)

[Carta 3](#)

[Carta 4](#)

[Carta 5](#)

[Carta 6](#)

[Carta 7](#)

[Carta 8](#)

[Carta 9](#)

[Carta 10](#)

[Carta 11](#)

[Carta 12](#)

[Carta 13](#)

[Carta 14](#)

[Carta 15](#)

[Referências das citações](#)